

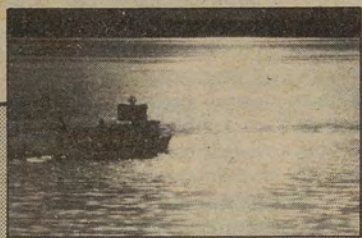
ZERO

Florianópolis, Julho de 1988

EM GOIÂNIA, EM SEU XXII CONGRESSO NACIONAL:

JORNALISTAS EXIGEM A DEMOCRATIZAÇÃO

"Nós, jornalistas brasileiros, decidimos dar início a uma campanha que transforma a luta pela efetiva democratização dos meios de comunicação em um movimento de massa, que envolva amplos setores populares e democráticos. Consideramos que a informação não pode ser tratada como mercadoria nas mãos de grupos empresariais, mas deve, sim, ser um bem público a serviço da comunidade, baseado em rígidos princípios éticos".



O relato de uma aventura na Amazônia, na central

TEM MAIS:

**Cinco páginas
de América Latina
nesta edição**

**As UTIs de
Florianópolis
estão em coma**

Reitor falou. Veja o quê e como, na página 3



Melhor
Peça Gráfica
I Set
Universitário
Maio 88

ZERO

Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi elaborada na madrugada de 25 de junho de 1987.

Textos: Ana Lavratti, Clarissa Santos, Cláudia Asterga, Daniel Izidoro, Duado Veras, Emerson Gasperin, Geraldo Hoffmann, Ivonei Fazzioni, João Grando, Luciene Abdo, Lucimar Polli, Milene Corrêa, Marta Moritz, Monique Van Drensen, Rafael Masseli, Rita Costa, Rogério Silva, Remir Rocha, Rute Enriconi, Simone Dias, Taciana Xavier.

Diagramação: Cláudia Carvalho, Cláudia Coelho, Carol Denys Rodrigues, Ivan dos Santos, Ilka Goldschmidt, Marcos Cardoso, Rute Enriconi.

Arte: Marta Moritz
Fotografia: Carlos Locatelli, Philippe Arruda, João Carlos Grando.

Laboratório Fotográfico: Pedro Mello, Paulo Brito, Philippe Arruda.

Edição, coordenação e supervisão: professores Henrique Finco, Luiz Alberto Scotto, Raimundo Caruso, Ricardo Barreto.

Acabamento e impressão: Fundação da Produtividade

Edição Gráfica: Ricardo Barreto

Telefone: (0482) 33.9215

Telex: (0482) 240 BR

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis, SC

Distribuição gratuita

Circulação dirigida

VOX POPULI

Informação é um bem público

Mais de 200 jornalistas, estudantes de Comunicação e observadores de outras categorias participaram, de 1 a 5 de junho, em Goiânia, do XXII Congresso Nacional dos Jornalistas e do congresso Extraordinário. Depois de cinco dias de discussão, exame de propostas, defesa e votação em Plenário, os jornalistas brasileiros deliberaram um conjunto de princípios e projetos expressos, sinteticamente, no documento final dos dois encontros, a Carta de Goiânia.

"Nós, jornalistas brasileiros, reunidos no XXII Congresso Nacional da categoria e no Congresso Extraordinário, realizados em Goiânia, de 1 a 5 de junho de 1988, decidimos dar início a uma campanha que transforme a luta pela efetiva democratização dos meios de comunicação em um movimento de massa, que envolva amplos setores populares e democráticos. Consideramos que a informação não pode ser tratada como mercadoria nas mãos de grupos empresariais, mas deve, sim, ser um bem público a serviço da comunidade, baseado em rígidos princípios éticos.

Por acreditarmos que as mudanças aprovadas na Constituinte são insuficientes para submeter ao interesse público a estrutura de poder dos meios de comunicação, assumimos o compromisso de rearticular mecanismos de luta por políticas democráticas de Comunicação, com a participação de entidades sindicais, populares e sociais. É nosso objetivo exercer pressão sobre as decisões da votação em 2º turno da Nova Constituição e intervir no processo de elaboração da legislação ordinária relativa à

política de concessão de canais de rádio e televisão. Quanto à lenta e gradual transição política tutelada pelos militares, nós, jornalistas brasileiros, reafirmamos nosso veemente repúdio à decisão da Constituinte de fixar em 5 anos o mandato do presidente José Sarney, contrariando a vontade expressa da maioria do povo brasileiro por eleições diretas já. Da mesma forma, repudiamos as ameaças ostensivas no sentido de adiar as eleições municipais marcadas para novembro deste ano. O adiamento, se consumado, significaria mais uma afronta aos direitos elementares de cidadania.

Outra questão que consideramos vital é o engajamento de todas as forças progressistas na luta do povo brasileiro por uma ampla reforma agrária e urbana, que democratize, o mais rápido possível, o acesso à propriedade da terra em nosso País. A existência de latifúndios improdutivos é motivo de vergonha para toda a Nação. Exigimos que sejam assegurados os direitos dos trabalhadores no campo, que são ameaçados e aviltados até mesmo no direito à vida, sofrendo perseguições e assassinatos, sem que o poder público nada faça em sua defesa.

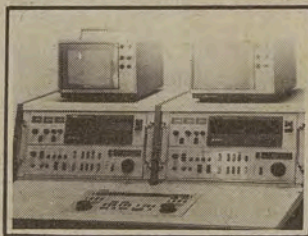
Nós, jornalistas brasileiros, também repudiamos a presença de técnicos do FMI em nosso País, mais uma vez determinando os rumos de nossa política econômica. Trata-se de mais uma violação à nossa soberania, sem esquecer os efeitos funestos das políticas que o Fundo Monetário historicamente impõe.

Recessão, desemprego, arrocho salarial e banesses para o capital estrangeiro são inevitáveis resultados de nossa submissão ao FMI.

Sobre as questões específicas da categoria profissional, nós, jornalistas brasileiros, estamos empenhados na conquista da unificação de nossas lutas, com o objetivo de conseguirmos uma negociação coletiva de trabalho a nível nacional. Decidimos que a Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais e todos os sindicatos de jornalistas do País devem dar início à campanha pela unificação da data-base em 1º de dezembro. Além disso, será incluído no anteprojeto de nossa regulamentação profissional a garantia do piso salarial nacional no valor de 50 OTNs.

No Congresso Extraordinário, que se seguiu ao XXII Congresso Nacional, nós, jornalistas brasileiros, por ampla maioria e de forma democrática, tomamos a decisão histórica de filiar a FENAJ à Central Única dos Trabalhadores, pois, para nós, a CUT é a central sindical que efetivamente defende os interesses de organização e luta da classe trabalhadora brasileira. Consideramos que, somente unidos, os trabalhadores irão transformar a injusta realidade econômica e social de nosso País. Com a filiação da FENAJ à CUT, nós, jornalistas brasileiros, temos a certeza de que estamos contribuindo para que o Brasil venha pertencer, de fato e de direito, àqueles que produzem a riqueza".

Goiânia, 5 de junho de 1988

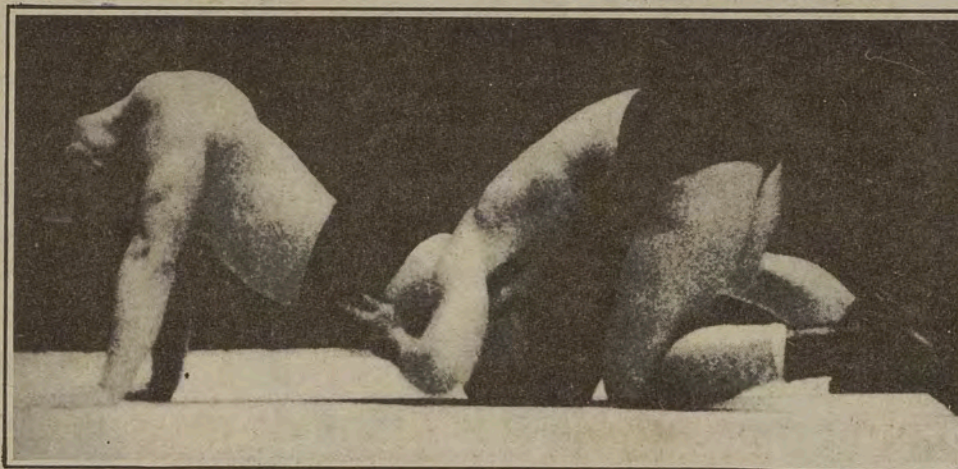


Vem aí a ilha de edição

Autorizada dia 22 de junho a guia de importação e fechada a operação de câmbio para a aquisição da ilha de edição que o Departamento de Comunicação adquiriu junto à Sony, no Japão. O conjunto de equipamentos inclui dois VO-5850 — gravadores videocassete, U-Matic, 1 RM-440 — que é o editor eletrônico que articula os dois VO-5850 e dois monitores, cabos e conexões, e um lote de 200 fitas KCS e 200 KCA. A operação de câmbio no Banco do Brasil ficou em US\$ 28.500 dólares e refere-se ao primeiro lote de equipamentos para o Laboratório de Produção de Vídeo. Futuramente, segundo negociações em andamento, o Departamento de Comunicação importará câmaras para gravações internas e externas, visando, com isso, prover alunos e professores de equipamentos básicos para disciplinas de Telejornalismo I e II, Projetos Experimentais e produções de programas didáticos de apoio às atividades de aula.

Zerrata

No expediente do último Zero faltaram os nomes de Elaine Tavares, Ivonei Fazzioni e Paulo Lanmkuhl Vieira, que fizeram textos. Além disso, a reportagem "Os desterrados da terra do Brasil. Foram de Ivonei Fazzioni e "Cenas do Transtorno Coletivo", de Elaine Tavares.



Eleição disputada muda direção do curso

Como se já não bastassem os apelos visuais bombardeados por todos os cantos do curso, sem sequer poupar o banheiro, os candidatos à administração de Jornalismo disputaram os votos catequizando e até mesmo teatralizando. O resultado acabou sendo proporcional à performance. A pantomina utilizada na campanha coroou o quarteto formado pelos professores Luís Alberto Scotto (coordenador), Hélio Schuch (vice), Eduardo Meditch (chefe de Departamento) e Ricardo Barreto (sub-chefe).

A zebra ficou por conta do debate promovido no dia anterior às eleições. Quem esperou que a chapa derrotada que defende a formação de comunicólogos, através da retórica, pusesse a nocaute a chapa do jornalismo técnico — iludiu-se.

Não houve também a tradicional troca de "gentilezas", apesar da chapa vencedora, a Opção Jornalismo, ter-se preparado espartanamente. Armados de citações e livros, de autores

"jornalistas", os futuros vitoriosos iniciaram o debate.

A decisão de Uma Nova Proposta — composta pelos candidatos Mauro Pommer (coordenador), Sônia Maluf (vice), Henrique Finco (chefe de Departamento) e Aglair Bernardo (sub-chefe) — em disputar as eleições foi legitimar a sua posição ideológica dentro do curso, analisando professor Finco.

O curso teve três coordenadores temporários no último ano, desde que o futuro, sub, Hélio, deixou o cargo em junho passado. Hélio foi eleito em 86, com um mandato de dois anos, tendo naquela época o professor Francisco Karam como seu sub-coordenador.

O resultado estatístico das eleições do dia 22 mostrou que houve um número recorde de estudantes votantes: 129; além de apontar racha entre os funcionários que dividiram seus votos para a chapa de departamento. Eduardo e Barreto levaram quatro votos contra os dois de Finco e Aglair. Foram registrados, no total, 65,42% de

votos para Scotto contra os 31,63% de Mauro. Na chapa, Eduardo somou 67,22% e Finco 33,50%. O número de votos nulos foi irrisório: apenas dois, entanto, foram registrados 26 em branco.

"A eleição é algo importante porque você deve escolher um só entre muitos", afirma o estudante de jornalismo Pedro Santos. Pedro, que pela primeira vez numa eleição é natural da Guiné-Bissau, conta que já teve duas oportunidades para votar: "Não votei porque não acreditava nas propostas". A partir do segundo semestre Pedro terá condições de avaliar se suas expectativas foram cumpridas. Quanto aos eleitos, cabe a tarefa de não decepcionar nem ele, nem os outros 128 estudantes, professores e funcionários, que acreditaram em sua competência para administrar um curso que consome cerca de dez mil laudas mensais e sofre de uma falta aguda de equipamentos.

Clarissa Santos

Desmentidos: ossos do ofício

Os jornalistas sempre são acusados por seus entrevistados de mentirosos. Ou não escrevem o que foi dito, ou escrevem errado. Uma matéria publicada no último Zero foi alvo de acusações desse tipo. O entrevistado fez uma declaração, e foi desmentido pelo Jornal Universitário (JU). A matéria era sobre as edições no Centro de Ciências Humanas (CCH), e as declarações foram feitas pelo candidato a vice-diretor do centro, Marcos Ribeiro.

Ribeiro declarou ao Zero que "havia procurado o Jornal Universitário para falar sobre as novidades na eleição da diretoria do CCH" (o centro é o primeiro da UFSC a ter eleições universais). Segundo ele, o jornal alegou "falta de espaço para publicação da matéria. Dias depois da distribuição do Zero, o JU desmentia tudo, declarando que Marcos havia batido um recorde de mentiras.

Na versão do JU, "as novidades" a que Marcos se referia eram os planos de ação de sua chapa, e na verdade, eles haviam procurado os candidatos para que opinassem sobre o novo tipo de eleição, e procuraram também o representante dos funcionários. A matéria publicada no JU com essas entrevistas causou polêmica: a candidata à diretoria Ana Maria Beck mandou uma carta corrigindo uma série de erros que foram escritos, enquanto Marcos mandou outra esclarecendo suas posições, e lamentando as acusações de "mentiroso".

Taciana Xavier

"URP é um direito constitucional"

As opiniões e promessas do novo reitor

ZERO — Como é possível qualificar hoje o ensino da UFSC? Há necessidade de uma mudança de currículos?

BRUNO SCHELEMPER — O ensino de graduação da Universidade apresenta níveis de qualidade bastante diferenciados. Nós temos hoje cursos muito bons, de excelente nível reconhecido no País todo, e temos também cursos que tem uma carga horária excessiva e que não estão atendendo às necessidades dos profissionais específicos.

Z — Qual a razão, no seu entendimento, dos cursos estarem defasados?

B.S. — Isso, no meu entendimento, é fruto de um sistema vigente que dificulta e coloca o aluno muito dentro de uma formação específica, dentro da sala de aula. E há um acréscimo exagerado de disciplinas que não têm nada a ver com a formação profissional. Colocando o aluno dentro da necessidade de ser aprovado numa série de disciplinas que muitas vezes representam perfumarias. Isso quer dizer, aquilo que não vai ser útil na vida profissional do aluno. Temos um sistema de ensino montado em cima de disciplinas e de matérias, é o que nós chamamos de currículo matricial. Eu tenho uma proposta mas acho que ela não precisa necessariamente servir para toda a Universidade. Cada Curso que faça sua opção de acordo com seu interesse particular.

Z — Quais as mudanças que pretende fazer com relação às estruturas e o conteúdo dos currículos.

B.S. — O que nós pretendemos é que haja um currículo carcerocêntrico, ou seja, que o currículo seja montado com bases na definição prévia do perfil do profissional a ser formado.

Z — Com relação à contratação de professores em alguns cursos, já foi resolvida?

B.S. — Há poucas semanas, o presidente assinou uma autorização de uma exposição de motivos que tinham sido encaminhadas por quatro ministros propondo a excepcionalidade da



"Fui compelido a intervir na Nutrição"

contratação de professores. Essa exposição de motivos não é muito clara, ela deixa uma série de dúvidas. Apesar da excepcionalidade estar autorizada nós não temos ainda elementos concretos que nos digam quais áreas ou quais as vagas efetivas que nós podemos contratar e em que condições isso vai acontecer.

Z — Sem a contratação de professores no início do semestre contribuiu para que muitos professores de áreas diferentes, como o caso de alguns professores da Elétrica que deram aula para estudantes de Computação. Isso não prejudicou o aluno?

"Universidade está cheia de falhas"

B.S. — Não, eu penso que não. Pois são departamentos que há muitos professores formados na área da Computação. Então são professores que tinham pleno conhecimento do assunto da matéria e que, portanto, estavam habilitados a lecionar essas disciplinas. Esse período que foram dadas as aulas não trouxe nenhum reflexo negativo, pelo contrário, fez com que os alunos não ficassem sem essas disciplinas.

Z — Por que cursos como Engenharia Mecânica são os mais adiantados dentro da Universidade? Eles recebem um volume maior de recursos?

B.S. — O que acontece é que cursos na área tecnológica recebem muitos recursos na área de convênios de projetos específicos e consultorias que os próprios professores realizam. O Centro Tecnológico recebe hoje um recurso orçamentário menor que 1% do que a fundação da Engenharia canaliza para aquele centro.

Z — Qual sua opinião sobre as eleições no Centro de Ciências Humanas, onde se optou pelo voto universal, considerado mais democrático?

B.S. — Eu entendo que cada Centro deva escolher sua forma de eleição. O sistema de ensino não deve ser um sistema único dentro da Universidade em função da heterogeneidade das áreas de conhecimento.

Z — O ex-reitor Rodolfo Pinto da Luz prometeu aos estudantes de jornalismo que até o final de sua gestão ele instalaria a Rádio Universitária. O Sr. já tomou posse e a rádio ainda não foi instalada. O Sr. pretende acelerar o processo de implantação da rádio?

B.S. — O que existe é que os equipamentos necessários para o funcionamento da rádio ainda não chegaram de forma integral na Universidade. Os recursos existem mas o equipamento que precisa para o seu funcionamento ainda não está integralizado como também para o estúdio de TV.

Esses equipamentos estão chegando e espera-se que no mais

curto espaço de tempo ela seja efetivamente implantada.

Z — No próximo semestre o curso de jornalismo já terá seu laboratório de TV e a rádio instalados?

B.S. — Sem dúvida. Eu acredito que sim. Esse atraso foi em função da falta de recursos e também o próprio departamento de jornalismo que fez uma série de reformulações em termos de necessidade de equipamento, isso também acabou virando uma dificuldade.

"Rádio

vai ser

instalada"

Z — Com relação ao espaço físico do curso de jornalismo, já poderá ser transferido no próximo semestre?

B.S. — Eu não tenho dúvidas quanto a isso. Eu dei ordens ao pró-reitor para que ele agilizasse isso para que no início de julho possa se fazer as alterações necessárias. Estou convencido que para o início do 2º semestre o curso de jornalismo poderá se transferir.

Z — Com o congelamento da URP, os professores entraram na justiça e ganharam o processo, mas a Universidade alegou que não tem dinheiro para pagar, como ficou essa questão?

B.S. — Nós provamos que (risos) realmente não temos dinheiro. Eu pessoalmente acho injusto e espero que o Supremo Tribunal Federal dê ganho de causa ao pagamento da URP no mais curto espaço de tempo possível. Eu acho que é um direito constitucional. Infelizmente, nós, em função de estarmos exercendo uma função administrativa temos que recorrer a decisão judicial. Mas ao mesmo tempo solicitamos ao MEC que repasse o dinheiro. Os 272 professores que entraram em ação judicial corresponde a 30 milhões de cruzados, e a universidade não tem dinheiro. O juiz aceitou justificativa que a Universidade não tem recursos para o pagamento e determinou na semana passada que o MEC tem dez dias para o repasse dos recursos, esse prazo vence no dia 1º de julho.

Z — Com relação às matérias publicadas no jornal ZERO, o Sr. tomou conhecimento sobre as denúncias no Hospital Universitário? Já foram tomadas algumas providências?

B.S. — É claro que em todos os setores da atividade humana existem falhas. A Universidade está cheia de falhas, todos nós temos falhas, ninguém é perfeito. Um hospital que tem quase 800 funcionários certamente que tem falhas. Na grande maioria das vezes ele tem sido extremamente útil, salvando muitas vidas.

Z — Está circulando na imprensa catarinense que sua administração está sofrendo um desgaste político?

B.S. — Não, ao contrário, que acho que esse apoio político está crescendo. Porque as medidas que nós temos tomado desde o primeiro momento, refletem a aspiração da comunidade universitária. Por exemplo a intervenção no Departamento de Nutrição que a princípio pode parecer um ato de autoritarismo, na verdade eu fui compelido a isso e teve uma receptividade muito grande na comunidade universitária, que reconheceu a necessidade tendo em vista os problemas que o Departamento vinha enfrentando. É claro que sempre existem frustrações, sempre existe aquele que não concorda não se pode querer unanimidade que seria uma burrice. Na verdade a Universidade não deve ter essa unanimidade, ela perderia sua noção de crítica e sobretudo autocrítica.

Entrevista a
Rute Enriconi

Operário dá mais lucro que robô

O homem ainda é melhor que as "latinhas"

Em 1830, os tecelões ingleses enfrentaram "a pau" a invenção do tear mecânico, que lhes roubava o emprego. Quebraram teares a marretadas, mas não conseguiram parar a Revolução Industrial. O que dizer de um trabalhador brasileiro, metalúrgico, que, de macacão, capacete e martelo em punho, às portas do século XXI, estivesse pronto a espatifar o primeiro robô que encontrasse pela frente?

Esta pergunta do ferramenteiro mecânico Joaquim dos Santos Andrade, o "Joaquinzão", abriu o debate "Automatização Industrial - Avanços, Perspectivas e Efeitos Sócio-Econômicos", realizado na tarde do dia 20, no auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina.

Joaquinzão, um pouco aca-nhado "para falar a especialistas", foi logo avisando aos industriais, tecnocratas, professores e estudantes de Engenharia, acomodados na mesa e na platéia que o movimento sindical não se atreve a barrar os avanços da ciência e da tecnologia.

— Quem pode ser contra isso quando o Incor — Instituto do Coração, de São Paulo, dá vida a pessoas condenadas? Quando a Medicina cura as mais diversas deficiências do corpo humano? Não só devemos preservar, mas defender a qualquer custo esses avanços. É um processo irreversível. Temos que passar por uma modernização. Porém, não podemos esquecer os 27 cortadores de cana que viraram bóias-frias porque foram substituídos por uma única máquina. Nem os 20 tecelões que deram lugar a um tear mecânico e simplesmente perderam seus empregos.

SUCATA

O Brasil já perdeu sua condição de exportador de produtos primários (madeira, minérios, borracha, café, algodão...). A política de "substituição de importação" de Juscelino Kubitschek (1955-61) transformou-o num país "supostamente" industrializado. Deixou de ser agro-exportador para competir no mercado internacional com produtos manufaturados. Os setores têxtil e automobilístico tomaram a dianteira da mecanização.

— Fizemos nossa 'revolução industrial', a única que até agora provocou vítimas. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, nos últimos 30 anos, só com a introdução do trator no campo, o número de trabalhadores rurais diminuiu de 60 para 30% da população ativa. Parte da mão-de-obra expulsa pela

mecanização da agricultura foi absorvida pelas fábricas. O restante formou os "exércitos de reserva", os "bolsões de miséria", as favelas.

O parque industrial brasileiro, montado com tecnologia estrangeira para o "milagre econômico", virou sucata na década de 80. Constituído 95% de médias e pequenas empresas, sem qualquer padronização de produtos, perdeu sua competitividade. Qual setor vai absorver os operários que começam a ser substituídos pelas máquinas automáticas, sob o pretexto de o País não chegar ao final do século com a "indústria suja"?

"DESEMPREGO TECNOLÓGICO"

Em 1985, o Brasil investiu 40 milhões de dólares na compra de equipamentos de automação. No mesmo ano, previa-se que o País gastaria de 20 a 30 milhões de dólares na expansão do uso da robótica, no período 88-89. Até o momento, esses gastos não ultrapassaram a US\$ 4 milhões. "Hoje está cientificamente comprovado que o homem, com seu conhecimento e sua sensibilidade, é um robô muito mais barato que o robô de lata", interveio o ex-reitor da UFSC e organizador do encontro, Gaspar Erich Stemmer.

A substituição do homem pela máquina, em alguns setores da indústria avança numa velocidade

de 20 a 50% ano, mas o "desemprego tecnológico" ainda não é o maior problema do País. Estatisticamente nem existe, porém, nos próximos dez anos se tornará uma espécie de "desemprego estrutural". Se somado ao "desemprego crônico conjuntural" resultará em cifras assustadoras. E, todos os anos, precisam ser criados de dois a três milhões de empregos para atender ao crescimento demográfico. Isso porque as estatísticas de desemprego só acusam quem perdeu o emprego e não quem nunca teve um, embora já o tivesse procurado várias vezes.

ROBÔ GRÁVIDO?

Se a introdução das novas tecnologias (robótica, microeletrônica, máquinas de comando numérico...) for feita de modo muito brusco, provocará uma catástrofe social. É difícil dizer se estamos preparados para a automação. Temos no Brasil regiões ultra-atrasadas e supermodernas, permeadas por todas as fases do desenvolvimento. Até os empresários relutam: "Como podemos pensar em automação se nem sabemos fazer um plano de trabalho?", interpela Helmuth Sommer, diretor industrial da Embraco, de Joinville.

A automação muda também a relação capital/trabalho. Sempre se fez crer que "salário é remuneração do trabalho, portanto, é controlável; lucro é remuneração do capital — é intocável". O robô não reivindica salários, não ingressa

no sindicato, não fica grávido, não tira férias... O homem não pode ser substituído pela máquina sem que se crie novas formas de absorção da mão-de-obra "jogada pra escanteio". Fatalmente haverá trabalhadores altamente especializados numa ponta da linha e operários sem qualificação alguma na outra.

— Temos necessidade de uma nova revolução: reequipar o parque industrial para melhorar a qualidade dos produtos, a serem lançados nos mercados interno e externo, e aumentar a lucratividade", argumentam os empresários. "Somos contra a automação que se faça ao arpejo dos problemas sociais. Se produzimos riquezas, queremos participar de sua distribuição e não ser marginalizados com um pontapé nos fundilhos", contrapõem os trabalhadores.

Para amenizar um quebra-quebra de interesses, a automação tem que ser discutida e avaliada. Política salarial, ensino profissional, política industrial, reserva de mercado terão que passar por modificações radicais, concordam patrões e empregados. Como? Não se sabe. O empresariado quer se apropriar da maior parte dos resultados da produtividade. Os trabalhadores terão que lutar pela redução da jornada de trabalho, por fontes alternativas de emprego (sobretudo no setor quaternário — serviços) e participação nos lucros das "fábricas sem operários". A Constituinte ignora o assunto.

Geraldo Hoffmann



Foto: Philippe Arruda/Zero

No quadro negro era mais difícil

Coração de Jesus incorpora o vídeo didático em suas aulas

Durante toda uma semana de junho, o Colégio Coração de Jesus (CCJ) promoveu diversos eventos em homenagem aos seus 90 anos. As comemorações tiveram início no começo do ano com a implantação do "Coração Vídeo Informática", um circuito interno de TV, pioneiro em Santa Catarina. Os alunos, pais, ex-alunos, professores e autoridades civis puderam presenciar o que Irmã Norma Feuser, que dirige o colégio há 10 anos, considerou principal meta do colégio: a implantação do ensino com auxílio de vídeos.

O Colégio Coração de Jesus, fundado pelas Irmãs da Divina Providência que vieram da Alemanha com esse único objetivo, sempre foi segundo Irmã Norma uma instituição de ensino pioneira em Santa Catarina.

Sobre a sua gestão, a diretora afirma. O enfoque maior é dado à educação de crianças até 10 anos e, no últimos tempos, foi aperfeiçoado o ensino de segundo grau para que este suprisse as exigências do vestibular.

O circuito interno de TV, instalado no dia 23 de março, tem como finalidade ilustrar, aprimorar e auxiliar o professor a desenvolver a sua aula. A administração esteve apreensiva quanto à esta medida e houve uma surpresa com a grande receptividade do público.

O sistema é constituído de uma central onde ficam instalados os vídeos e 82 pontos de recepção. São 127 turmas, desde o berçário até o científico, divididas nos três períodos, favorecidas com esta tecnologia.

Há também a produção de fitas próprias. Todo o equipamento é controlado por cinco alunos do Colégio, por sugestão da própria empresa que o instalou. Irmã Norma declarou que isso é uma vantagem pois os jovens são mais criativos e ousados. Desta forma, foi diminuída a distância entre professor e aluno, permitindo que agora os dois aprendam e discutam juntos. O professor não é mais o único "dono" do conhecimento.

O próximo passo é a instalação de um sistema de computadores para os alunos, pois para a administração pedagógica já existe.

Marta Moritz

Curso pré-vestibular: o comércio da educação

Já estão abertas as inscrições para os cursinhos da cidade. Com a aproximação do vestibular de inverno e do segundo semestre, a corrida aos pré-vestibulares tem novamente o seu início. A cidade oferece quatro cursos pré-vestibulares: Geração, Barriga Verde, Barddal e Evoluir.

O curso Geração é o mais procurado pelos candidatos. Nas suas 11 salas são ministradas as aulas do terceiro, extensivo, semi-extensivo e super-intensivo para um número de aproximadamente 1000 alunos, nos três turnos.

Outra opção para os que desejam entrar em algum curso pré-vestibular é o Barriga Verde, que fica situado na rua Deodoro, no centro. Além do extensivo, dispõe também de semi-extensivo, com um custo de 35900 cruzados até o dia 30 de junho e aulas de manhã e à tarde.

Terceirão, extensivo, semi-extensivo e super-intensivo. Estas são as alternativas disponíveis no curso Barddal, que conta com sete salas e 900 alunos, com aulas nos períodos matutino, vespertino e noturno.

900 vagas foram abertas para o semi-extensivo.

A mais nova opção da cidade em se tratando de cursinhos é o Evoluir. Sua sede, na rua Jerônimo Coelho, abriga atualmente 110 alunos, que cursam o intensivo, em duas salas. A proposta para o futuro é expandir o curso, através do semi-

extensivo que começará em agosto. Serão duas salas por turno, com 60 alunos cada, a um preço de 7.300 cruzados por mês e uma taxa de matrícula de 5.700 cruzados.

PROCURA

Um detalhe importante é que os próprios cursinhos já foram mais rentáveis, mas hoje não o são tanto "em vista da decadência do próprio vestibular".

Com a lei 5692, posta em vigor em 1971, ficou estabelecida a progressão automática dos alunos. Baseado nessa progressão, o aluno que estivesse apto não precisaria de nota para passar à série seguinte. Só que os alunos começaram a avançar às outras séries independente das suas condições intelectuais. Até chegarem ao vestibular. Ali, barrados uma, duas e até três vezes, correram para os cursinhos. E a coisa virou comércio.

A realidade é que, independente do curso, o candidato precisa preparar-se muito bem se quiser chegar à universidade. O fato de estar neste ou naquele pré-vestibular não garante a vaga de ninguém. Apesar dos cursinhos fornecerem uma boa base para o vestibular, vale ressaltar que sem estudar um pouco não se chega a lugar algum.

Emerson Gasperin

Prefeita assusta os empresários

Eles ameaçam

deixar

povo a pé

Uma história em quadinhos colocou a prefeita de Fortaleza, Maria Luiza Fontenele, nas manchetes dos três principais jornais do país. Maria Luiza, que já freqüentou as manchetes dos jornais por ter sido eleita pelo PT; por ser mulher; ter sido eleita no Nordeste e mais tarde por ter sido expulsa do Partido dos Trabalhadores, voltou às capas dos jornais cariocas e paulistas, depois de ter sido acusada de incitar os usuários dos transportes coletivos a quebrar os ônibus.

A história toda começou com a publicação pela Secretaria Municipal dos Transportes de Fortaleza, de uma cartilha — a segunda da série “Histórias do Dia-a-Dia”, que conta a história de um grupo de trabalhadores que precisava do transporte coletivo para chegar ao trabalho. O ônibus atrasa, está superlotado e quebra no caminho. Enfim: apronta tudo o que qualquer usuário do serviço sente em qualquer parte do país. Para complicar a vida dos personagens da historinha, eles chegam tarde no serviço e têm que se explicar aos patrões, colocados na cartilha no mesmo lado dos donos dos ônibus



Na capa, frase anarquista

— os capitalistas. Para resolver a situação, os personagens resolvem quebrar os ônibus e colocar fogo num dos carros.

A Polícia Federal não gostou na história e resolveu investigar a Prefeita e a Secretária dos Transportes, Cristina Badini, como incitadoras de quebra-quebra.

A VOZ DO DONO

Os jornais o Globo, Jornal do Brasil e o Estado de São Paulo, resolveram acatar a opinião dos empresários e publicaram notícias acusando a cartilha de incitar violência.

O Jornal do Brasil publicou dia 8 de junho uma manchete na capa que dizia: “Cartilha sugere a cearense que quebre ônibus”. Ainda na capa, um texto que resume a matéria diz, depois de uma série de acusações, “... e tem na

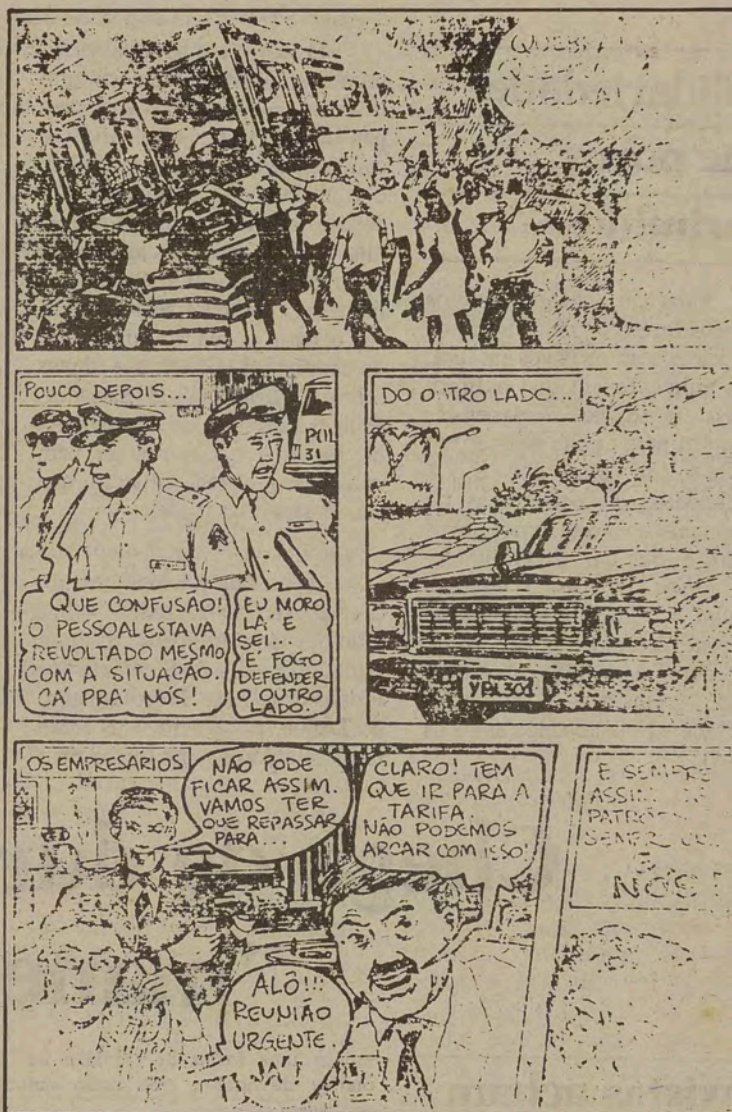
capa uma frase do pensador anarquista J. Proudhon...” Na página cinco a matéria aparece com o título “Cartilha da Prefeitura de Fortaleza recomenda ao povo quebrar ônibus”.

No dia seguinte foi a vez do Globo e o Estado de São Paulo apresentarem as matérias a seus gostos. O Globo chama, numa página que só tem notícias policiais, uma matéria com o título: “Operário segue cartilha da Prefeitura e quebra ônibus”, iniciando o texto com a célebre fórmula: “Menos de 24 horas depois de a Secretaria Municipal dos Transportes de Fortaleza distribuir a cartilha ‘Histórias do Dia-a-Dia’, que incita o povo a depedrar os ônibus, o operário...” e segue acusando o operário. O Estado apresenta um texto com poucas diferenças.

O ÓBVIO

Obviamente a Prefeita e sua Secretária dizem que não incitam. Na verdade, a história conduz o leitor à organização do seu bairro, mas passa pelo terreno perigoso do quebra-quebra. Em nenhum momento a cartilha sugere que as pessoas façam depedração. Mostram o quebra-quebra como o resultado do mau serviço prestado pelas empresas. Seria infantil dizer que no caso não há a sugestão.

Os empresários, por sua vez, prometeram “tirar os veículos das ruas caso as manifestações populares continuem”. Nessa briga toda nin-



...o interior, a expressão “quebra” aparece três vezes no início de uma página. Isso assustou os donos dos ônibus a polícia e a grande imprensa.

guém lembrou de sugerir uma melhoria na qualidade dos serviços. Foi lembrada apenas a cartilha, que foi considerada de subversiva.

Ivonei Fazzioni

Eleições: olha os acordos!

Dia 15 de novembro, cerca de 140 mil eleitores estarão decidindo o futuro da capital catarinense, entre candidatas das mais diferentes correntes ideológicas. Até agora, apenas Flávio Valente, do PT, teve sua candidatura oficializada. Sérgio Grando, vem de uma coligação gigante da Frente Popular, de partidos, como: PDT - PSB - PC do B - PCB-PV e PDP (este último formado por dissidentes do PMDB).

A secretária municipal de educação, Anita Pires, o deputado estadual Aluísio Piazza, e o vereador Rogério Queiroz concorrem dentro do PMDB pela representação do partido nas próximas eleições municipais. O Diretório Municipal do PMDB decidirá o nome do futuro candidato em reunião de cúpula, que se realiza na segunda quinzena de julho. A Frente Popular poderá receber o apoio de Anita Pires, se for derrotada na reunião do PMDB. Ela admite a realização de coligações entre o seu partido e outros. Também favorável a elas, o vereador Rogério Queiroz se mostra insatisfeito com a forma utilizada para a escolha dos candidatos, argumentando que “a cúpula, cerca de 50 pessoas, não pode decidir por 8000 filiados”. Preocupado com o esvaziamento do partido, ressaltou

ainda, serem “as prévias um fator de motivação a militantes afastados e frustrados com o PMDB”.

A coligação PDS/PFL têm como provável candidato, o ex-governador Colombo Salles (PDS), e seu vice será indicado por uma pré-convenção do PFL. Insatisfeito com a indicação de Colombo Salles, o deputado estadual do PDS Mário Cavallazzi, propõe que o candidato do partido saia de uma convenção Municipal. Enquanto isso, o PL já tem o seu candidato, o ex-reitor da UFSC, Rodolfo Pinto da Luz, que devará oficializar sua candidatura em breve.

Em entrevista coletiva à Imprensa, no dia 23/06, Sérgio Grando da Frente Popular, lançou um manifesto à população de Florianópolis consolidando sua candidatura. Grando justificou o apoio de diversas legendas na sua campanha, dizendo “todos os partidos que me apoiam não são novos, pois apresentam uma longa história de resistência ao poder. A Frente surgiu como uma alternativa de voto”. A Frente Popular espera que a Assembleia Nacional Constituinte termine os seus trabalhos à tempo, para que os eleitores com menos de dezoito anos possam votar. “Será um casuísmo se isso não acontecer”, ressaltou Grando.

Por contar com menos de 200.000 eleitores, Florianópolis terá seu pleito em um turno, ao contrário das grandes capitais brasileiras que contarão com eleições em dois turnos. Flávio Valente (PT), é favorável aos dois turnos, pois “haverá uma maior politização da população. Num primeiro momento, serão escolhidos os candidatos e os partidos. Como segundo momento, os eleitores discutirão as diferentes propostas”. Segundo Valente, “as regras do jogo estão lançadas. Temos que concordar, aos dominantes é interessante um turno só”. Sérgio Grando, também defende a eleição em dois turnos por achá-la um processo mais democrático.

Diante de tanta confusão entre partidos, reuniões, candidaturas e convenções, a campanha prossegue. As promessas de melhoria da cidade e condições de vida, logo começarão a aparecer. Segundo os candidatos e candidatas a candidatos, tudo é democracia. Aos eleitores, as batatinhas.

Lucimar Polli e Romir Rocha

Debates de resistência

Solidariedade une povos oprimidos

Falar em Solidariedade dos trabalhadores e de todos os brasileiros com os povos em luta, num momento em que o Brasil precisa tanto da solidariedade entre seu povo, pode parecer um contra-senso. Mas não é. A solidariedade deve-se basear na compreensão de que somos povos irmãos e, que em níveis diferentes, temos o mesmo inimigo comum — o imperialismo. Baseado neste pensamento, em 26 de novembro de 1986, nasceu o Icas — (Instituto Cultural de Amizade e Solidariedade entre os Povos).

O Icas tem como objetivo promover o intercâmbio cultural entre os povos; realizar e participar de debates, seminários e conferências; estreitar e divulgar o conhecimento, e amizade e as conquistas sociais entre os povos; lutar contra qualquer agressão à soberania e autodeterminação dos homens. Com base nestes objetivos o Icas já realizou uma série de seminários, palestras e shows sobre a Nicarágua, El Salvador, Chile e Palestina, em Florianópolis. Eventos que tornaram bem mais claro a real situação que atravessam estes países.

Apesar de ser uma instituição aberta para todos — as reuniões acontecem aos sábados a tarde, no prédio do Sindicato dos Profissionais em Processamento de Dados, no centro — o Icas tem crescido de uma forma mais

qualitativa do que quantitativa. Quem afirma isso é o diretor de imprensa do Instituto, José Carlos Pereira. Para ele o trabalho que o Icas está realizando, fez nascer a questão da solidariedade em nosso estado. "Nosso trabalho está mais direcionado aos sindicatos e aos movimentos populares e estudantis. Precisamos mostrar para estas pessoas, que sem dúvida, são a maioria da classe oprimida no Brasil, o que realmente acontece nestes países". Hoje o Icas edita um boletim mensal sobre a situação das lutas em diversos lugares. Porém, é sua intenção, até o final do ano, transformar este boletim em uma revista.

Para o Icas, enquanto houver em um único país a exploração do trabalho, a fome, a miséria e a opressão, patrocinada

pela acumulação da riqueza e da propriedade, isto é, o capitalismo, é dever de todos os povos lutarem pelo fim da dominação imperialista. Devem-se criar formas de luta, em cada situação e de acordo com a correlação de força, capazes de enfrentar a agressão do capital.

A solidariedade, é entendida pelo Icas, como uma forma concreta através da qual os trabalhadores e o povo brasileiro, podem contribuir para a luta da libertação de todos os outros povos. Acontecendo isto, eles acreditam que reciprocamente, nós estaremos organizando a nossa própria luta, no combate ao imperialismo, que em última instância é a própria derrubada do poder burguês em nosso país.

João Grando

Joaçaba já prepara os jogos de SC

Quem for visitar Joaçaba no mês de outubro, provavelmente encontrará muitas dificuldades para se hospedar. É que esta cidade será o palco das competições dos próximos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), e com isso toda a rede hoteleira deverá ser ocupada por jornalistas e dirigentes. Segundo o presidente da Comissão Central Organizadora (CCO), Adair Tesser "a utilização das cidades vizinhas poderá ser uma possível solução para este problema, já que possuem uma boa estrutura hoteleira". A grande novidade no esporte amador, será os Jogos Abertos de Santa Catarina, do qual somente atletas com idade inferior a 16 anos é que poderão participar.

Os XXVIII JASC serão realizados entre os dias 14 e 22 de outubro e a expectativa é que cerca de seis mil pessoas, entre atletas, árbitros, jornalistas, e dirigentes, se deslocarão até Joaçaba.

O término das obras, principalmente da pista de atletismo, é outro problema que a cidade vem enfrentando. Segundo o Coordenador de Desportos, Felipe Abraão Neto, "a pista está praticamente pronta, e acredito que a obra seja concluída com um mês de antecedência".

Como se não bastasse esse dois problemas, surgiu mais um: as comunicações. A Telesc, empresa responsável por todo o funcionamento, já iniciou os trabalhos no sentido facilitar as transmissões dos jogos, para que todo o estado de Santa Catarina receba informações sobre o evento. O assessor de Comunicação Social da Telesc, Rubens Dal Grande afirmou que "até outubro parece que tudo será resolvido".

Atualmente, a cidade conta com nove ginásios, quatro quadras de tênis, duas de bolão, quatro de bocha, um salão e duas piscinas que serão utilizados para as disputas das 31 modalidades.

FLORIANÓPOLIS

A delegação da capital levará 310 atletas que disputarão 27 modalidades. Segundo o Superintendente Técnico da Fundação Municipal de Esportes, Jaime Andrade Ramos, "as maiores chances de conquistar medalhas são o judô, tênis de mesa, tênis de campo, natação, saltos ornamentais, atletismo, basquete e xadrez".

O principal objetivo é melhorar a colocação de Florianópolis, já que nos Jogos Abertos do ano passado, em Criciúma, a capital ficou em terceiro, com Blumenau e Joinville em primeiro e segundo lugares respectivamente.

Sobre os Joquinhos Abertos de Santa Catarina, que serão realizados no final de novembro, em Curitiba, Jaime falou que "a finalidade principal deste evento é formar novos atletas, para que mais tarde não haja a necessidade de buscá-los em outros estados, e que futuramente possam disputar o JASC. Espera-se que nestes "Joquinhos" não sejam trazidos atletas de fora".

Rafael Masseli

Taxistas acham novo transporte uma coisa séria

Se você deseja se deslocar do Centro de Florianópolis para o bairro de Coqueiros, ou vice-versa, pode escolher: ou pega seu automóvel da garagem e gasta um litro de gasolina (Cz\$ 113,00); ou pega o "latão" da Ribeironense por Cz\$ 20,00, ou então, toma um táxi com coragem de desembolsar Cz\$ 450,00. Porém, desde o último dia 20 de junho você tem uma nova alternativa: o transporte seletivo, mais intimamente falando, o "manequinha", implantado pelo Núcleo de Transporte Coletivo da Prefeitura Municipal.

Funcionando em caráter experimental desde o dia 20, a primeira linha ativada foi a de Bom Abrigo, explorada pela empresa Estrela. Seus três microônibus farão um total de 75 viagens diárias, ao preço de Cz\$ 70,00 a passagem.

Segundo Valter Tamagusko, do Núcleo de Transporte, esse projeto tem por objetivo oferecer ao passageiro um serviço mais confortável, com poltronas estofadas, música ambiente e a possibilidade de saltar no local desejado, independente de pontos fixados. "Mas, por que eles não melhoram os ônibus comuns ao invés de inventarem esse novo ônibus especial?", pergunta Elisabeth Marques, passageira da linha Abraão, impaciente com os serviços prestados pelos ônibus da Empresa Ribeironense. O Núcleo de Transporte esclarece que a prefeitura visa com esse novo

serviço uma forma de subsidiar os ônibus de massa, que estão em defasagem.

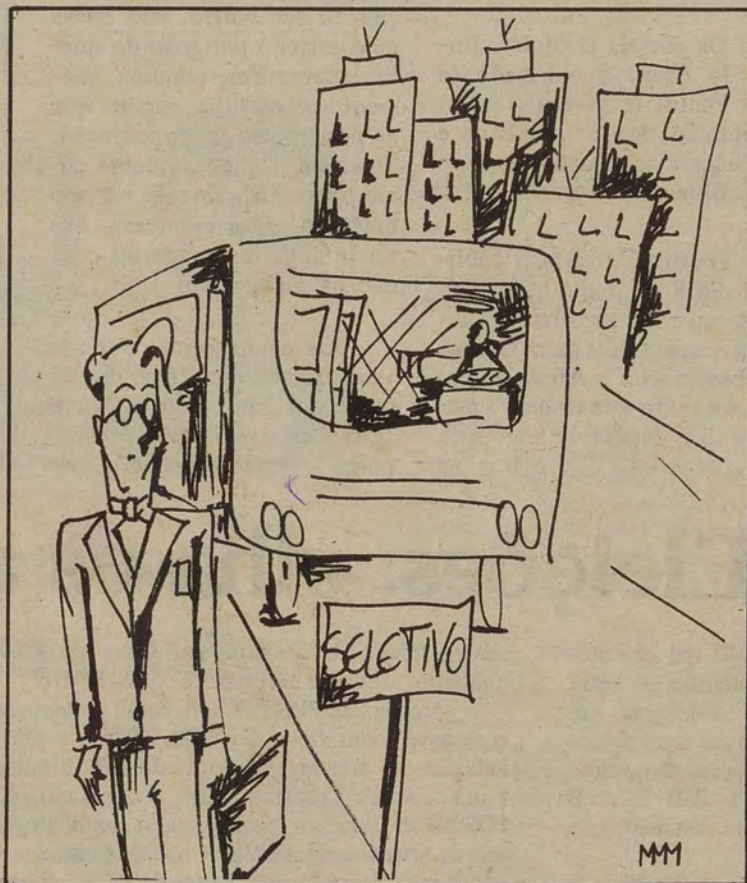
O EMPRESÁRIO NÃO ABRE MÃO

Para se compreender melhor esta defasagem, toma-se por exemplo um ônibus de linha curta, como o Agrônômica: do preço da passagem, que é de Cz\$ 20,00, uma parte é destinada para os custos operacionais (óleo, lubrificação, salários de motoristas e cobradores), outra parte é para a renovação da frota e uma outra parte (12%) corresponde ao lucro do empresário. O custo da empresa para pôr um ônibus em funcionamento é de Cz\$ 92,00 por quilômetro rodado. Do total arrecadado nas catracas de todos os ônibus que é repassado à prefeitura, esta devolve à empresa o valor equivalente à Cz\$ 67,00 para cada quilômetro rodado. Assim, as empresas trabalham com um déficit de Cz\$ 25,00 por quilômetro que um ônibus percorre.

Para compensar o déficit, os empresários têm que recuperar de algum lugar, e, certamente, não retirarão essa verba do seu lucro, mas sim da parte destinada ao custo operacional ou à renovação de frota. Por este motivo os atuais ônibus estão nas condições que estão: velhos, constantemente enguiçados, sujos. Com a criação deste novo serviço do "seletivo" pretende-se retirar uma verba daqueles que podem pagar um transporte melhor para custear os problemas do transporte coletivo.

TAXISTAS NÃO GOSTAM

Quem não está contente com o transporte seletivo é a classe dos motoristas de táxis. Eles argumentam que esse transporte está tirando a sua



freguesia, uma vez que o preço do "manequinha" é bem mais vantajoso. Valter Silveira, 38 anos, motorista de táxi do ponto da praça Pereira Oliveira, reclama que no primeiro dia do funcionamento do novo ônibus, suas corridas caíram bruscamente. O Núcleo de Transportes contrargumenta dizendo que os usuários do novo sistema são aqueles que viriam de carro para o centro da cidade. "O táxi é um serviço elitizado", afirma Walter Tamagusko.

Apesar de todos os prós e contras, o fato é que o transporte seletivo já está em funcionamento em Florianópolis, diariamente, das 7 da manhã às 7 da noite, em intervalos de 20 em 20 minutos nos horários de maior movimento e de meia em meia hora nos demais horários. O ponto final no centro é na Praça Pereira Oliveira. Boa Viagem!

Rogério Silva

Falta tudo nas UTIs da Capital

Se você ainda não conhece os problemas que enfrentam as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) dos hospitais de Florianópolis, prepare-se para levar um susto. Falta de pessoal, de leitos, de médicos e enfermeiros, falta de verbas, insalubridade, são algumas das dificuldades mais comuns. Por isso, encontrar quem reclame do serviço de saúde oferecido nas UTIs é um fato dos mais corriqueiros.

No Hospital dos Servidores, por exemplo, há condições de abrigar na UTI até onze pessoas, mas apenas sete leitos estão ativados por falta de médicos e enfermeiros. O caso do Hospital Infantil é bastante curioso. Existem 333 leitos, mas só 180 podem ser ocupados é o que diz o seu diretor Dr. Cristiano Marques que também é médico da UTI e confessa: "é pena que o teu jornal não tenha repercussão no estado". A falta de funcionários é o inimigo número um das UTIs de Florianópolis.

Desde novembro do ano passado o Hospital dos Servidores está reivindicando a contratação de pessoal e recebe sempre a mesma resposta da Fundação Hospitalar: "Não temos verbas". E daí? Quem está preocupado com isso? Por enquanto ninguém.

Parece loucura, mas no Hospital dos Servidores o total de médicos que atendem na UTI é de sete. Dois das 8 às 12 horas, dois das 12 às 16, dois das 16 às 20 horas e um para passar toda a noite. Isso tudo porque a enfermeira-chefe da UTI, Lúcia Marcon, disse que "o nosso hospital é o mais procurado no estado". E não se deve esquecer também de dizer, que não há enfermeiro de plantão 24 horas na UTI. O hospital inteiro passa toda a noite com técnicos de enfermagem, auxiliares, atendentes e um único enfermeiro graduado para atender todos os internos. Ambulância? Nem pensar. O hospital possui apenas duas e somente uma está equipada para o caso de uma emergência. A outra nem ambulância é. Apenas um carro.

Outro fato também bastante curioso, é que o Hospital Nereu Ramos — que atende pacientes portadores de doenças infecto-contagiosas — não tem uma UTI e costuma enviar ao Hospital dos Servidores esses pacientes. Os funcionários deste hospital não recebem insalubridade, mas são obrigados a cuidar dos pacientes com doenças contagiosas que são acolhidos no único quarto na UTI de isolamento. Lá ficam sujeitos a contrair Aids, Tuberculose, Hepatite tipo "B" e por aí vai.

Com a desativação, no ano passado, da UTI do Hospital de Caridade que era destinada a atender pacientes com problemas neurológicos, o encargo ficou também com o Hospital dos Servidores que, como denunciou a Enfermeira-chefe "seguido temos recebido pacientes que ficam na Emergência esperando para serem atendidos. Embora a gente tenha se *stressedo* para atender esses pacientes, não tem leito para eles". Além de ser o único a atender doentes neurológicos, também é o único a prestar serviços de hemodiálise, ortopedia e traumatismo craniano. Sendo estes pacientes diferentes dos outros, porque requerem um tratamento mais intensivo de enfermagem, como estarão sendo assistidos, se a UTI sequer conta com um enfermeiro 24 horas?

O Hospital Infantil Joana de Gusmão também entra para a lista dos "únicos". No estado é o único que faz cirurgias cardíacas e tem UTI para recém-nascidos. Mas segundo informou a enfermeira Diva de Mello, "se você tivesse vindo aqui há duas semanas isso estaria um caos, porque tava faltando tudo. Agora a gente



tem aparelhagem, entretanto não tem pessoal suficiente para que o serviço seja perfeito". Mas não é só isso que torna o serviço imperfeito, conforme desabafa a enfermeira, "o material descartável, por exemplo, não chega a durar vinte dias e se a gente não tem seringa descartável vai com a de vidro mesmo".

"DE NOITE O MÉDICO NÃO ENXERGA"

Janice Maria de Souza Macário foi ao Hospital Infantil, no dia 16 de junho, levar seus dois filhos para extraírem "bichos de pé" que já haviam infeccionado todos os dedinhos dos pés das duas crianças. "Não consegui ser atendida porque o moço da portaria me disse que de noite o médico não enxerga. Eu moro em São José, Fazenda Santo Antônio, quase perdi o ônibus e eles nem quiseram ver como estavam as crianças". Janice voltou no dia seguinte, desta vez durante o dia, e com um sorriso amarelo perguntou ao rapaz do fichário: "agora tá de dia, seu moço, será que o médico vai me atender?"

Casos como o de Janice existem aos montes e se não parecem sérios à vista de um leigo, tipo o rapaz encarregado de marcar as consultas, podem transformar-se numa gangrena, num tétano ou coisa pior. Nesse caso os responsáveis nunca aparecem e a culpa fica com a mãe. Se este fato não parece bastante concreto, vejamos o que aconteceu com Ana Maria Cunha. Ela procurou por várias vezes o Hospital dos Servidores sentindo fortes dores de estômago e diarreia. Sem nenhum exame realizado, recebeu o diagnóstico de que estaria com vermes. Ana se contentou com o que o médico havia dito e foi para casa tomar a medicação. Semanas se passaram e nada de melhora. Recorreu novamente à Emergência daquele hospital, só que desta vez muito mais fraca, porque além de tudo passou a ter vômitos que, conforme seus familiares "enchiam baldes". Aí começou a maratona da morte.

Ana Maria passou então por uma série de exames que, tardiamente, revelaram um câncer no estômago e no intestino. Por falta de leito passou 48 horas sentada numa cadeira de rodas na emergência, para só então conseguir um quarto. Depois veio a cirurgia, mas quando o médico abriu o abdômen da paciente — mãe de sete filhos menores e com apenas 34 anos de idade — descobriu que não havia mais jeito e disse ao marido Gilson da Cunha: "caso perdido, sinto muito o câncer tomou ela toda. Fígado, rim, intestino, estômago e útero nada escapou". Gilson desesperado esperou que a esposa se restabelesse da cirurgia, mas não do câncer. E é ele quem conta "pra levá-la pra casa porque tão logo ela estava um pouco mais forte recebeu alta." Todo este processo durou apenas três meses porque uma semana após ter tido alta Ana morreu.

Para a enfermeira Lúcia do Hospital dos Servidores todo o problema da Saúde está centrado no fato do Governo Federal relegar a educação e a saúde a um segundo plano. "Quando essas duas coisas prioritárias não são respeitadas não se pode esperar muito do Governo. Se houvesse interesse — porque a gente não se forma, não estuda só para tratar da doença, mas sim da saúde —, não seria tão deturpada a função do médico e do enfermeiro, que é a profilaxia da doença e não do tratamento dela. Mal se consegue dar uma assistência à doença, porque a saúde, infelizmente, nem se consegue chegar lá."

Textos de
Rita Costa

Os serviços das UTIs de Florianópolis se encontram numa penúria

Diretor do HU faz ficha de repórter

Ao que parece o Diretor Geral do Hospital Universitário, Alberto Chterspesque, acredita mesmo ainda estar num período de ditadura. Ora, nós sabemos que a Nova República guarda muitos dos cacoetes da Velha, mas daí até o Diretor só permitir o acesso à UTI daquele hospital mediante um ofício contendo os dados de qualquer repórter do ZERO, por ter se achado injustiçado em sua última edição, vai uma grande diferença.

Na tentativa de esclarecer o leitor de como estão as UTIs de Florianópolis a reportagem deste jornal procurou o Hospital Universitário. Lá chegando encontrou a sub-diretora de enfermagem, Rainildes, que imaginava depois de uma conversa com o Diretor Geral — ter sido aquela instituição difamada. Tentanto acalmar, sem sucesso, a enfermeira; foi dito que a repórter, Cláudia Carvalho —

autora da reportagem "Os Fantasmas Andam de Branco", edição jun/88 —, que havia estado lá, anteriormente, só havia escrito a verdade. Ainda assim, Rainildes prosseguiu inflamada:

— Vocês mexeram com nomes respeitáveis como o do Dr. Renato.

— Mas apenas foi dito que ele só aparece no hospital três vezes por semana. Isso é a pura verdade.

— Ele é um médico íntegro.

— Ninguém disse que não era. Só dissemos o que ele faz.

— Aqui tem muita gente que trabalha.

— Com certeza. É por isso que se precisa denunciar quem

não está trabalhando. Dessa forma estaremos fazendo justiça aos que realmente trabalham.

— O Diretor disse que vocês deturparam tudo o que foi dito.

— Quer dizer que eu não vou poder entrar?

— Não. Você vai poder entrar. Mas de agora em diante, todos do teu curso vão ter que fazer um ofício dizendo quais as perguntas que serão feitas, qual é o objetivo da entrevista, para que ele vai ser usada, o nome do professor orientador, o nome e o número de matrícula do aluno-repórter e a entrevista só vai sair se for na íntegra. Ah! Tem que vir com o carimbo e assinatura do coordenador do curso...

Estamos em 88, diretor. Não 68.

Cadê o índio? Cadê o macaco? Cadê a selva?

Uma aventura na selva dos índios que fumam Hollywood

A viagem para a Amazônia começou a martelar nossa cabeça em outubro de 87. Iríamos de caminhão. No início de janeiro, o programa começou a atrasar e resolvemos sair sem a carona garantida. Era 14 de janeiro.

De Chapecó fomos a São Paulo, onde aconteceu a primeira das três batidas policiais em que entramos. De trem, fomos até Bauru, onde pegamos o "trem da morte" para Campo Grande. Dois dias depois, caímos na BR, com três metros de tule preto para servir de mosquito para a rede do Locatelli (o Índio levou uma rede de selva que não deixa entrar mosquito, mas em compensação enche d'água quando está armada embaixo de caminhão). Nos 700 km até Cuiabá, soja, a sucessora do cerrado. O calor aumentou em Cuiabá, chegando a 43°C e iniciando a bebedeira de água. Depois de uma esti-

cada a Tangará da Serra, 300 km ao norte, voltamos a Cuiabá, onde perdemos um dia tentando carona. A camisa da Universidade ajudou.

A carona foi lenta mas divertida. Quatro dias para 1.200 km, com paradas em todos os botecos da rodovia. Em Porto Velho nossa viagem iniciava realmente. Pelo menos a selva estava ali, e selva não é Amazônia. Aos poucos fomos entendendo que a Amazônia é logo ali na frente, que os pássaros e os animais já foram mortos e os índios estão só na divisa com a Venezuela.

Paramos dois dias em Manicoré, meio caminho entre Porto Velho e Manaus. Não havia cobras nem selvagens atacando a cidade, que há apenas três meses recebeu sinal de TV. Em compensação, podemos observar outra sociedade com valores mais simplificados que nossas complicações. Voltamos ao Madeira para mais dois dias até Manaus. O tédio tomou conta na estada na capital. O navio para Belém nos Salvou.

As condições em que estávamos no navio transformaram o tédio em vontade de estar em terra. Mil passageiros amontoados em redes,

pouca comida e banheiros que só ganhavam de esgotos. Tudo desinfetado com creolina pura. Resultado: dois dias com fome, e quatro sem banho. No meio dessa confusão toda encontramos um calouro de jornalismo, careca e tudo. Geraldo Hoffmann, que ficou numa fazenda acima de Santarém, pelo Tapajós.

Belém trouxe, além de um banho demorado, uma notícia que mudou nosso rumo. Voltamos a Cuiabá para cuidar do pai do Índio, que estava hospitalizado. De lá decidimos voltar. O dinheiro também estava acabando.

Em casa olhamos um mapa e analisamos por onde passamos. Cortamos a Amazônia no sentido norte sul em grande parte. Não encontramos os marginais que matam para roubar camisas, nem epidemias de malária. Vimos pouca crise, quase nada. Índio (não o Marques) só encontramos em Cuiabá, na volta, no quarto ao lado da espelunca em que estávamos. Tinham ido para uma reunião da Funai e pediam Hollywood. Trinta e um dias depois voltamos mais curiosos por conhecer aquela imensidão. Ficam essas fotos com algumas impressões. Só tragédia.



Aqui, o Prefeito joga canastra

Rua da Cachaça

Essa é a Rua da Cachaça, onde uma placa proíbe o "trânsito de vefículo com rodas" e é mais fácil conseguir um copo de pinga do que um prato de comida. A rua mais famosa não é a mais importante de Manicoré, pois Getúlio Vargas encampou a avenida. Aqui a Xuxa não é ninguém, o Cid Moreira não tem Ibope e bom mesmo é o Almirzinho que toca forró.

Encontrar o prefeito no sábado a noite é fácil. Basta chegar no Bar do Alemão, que estará jogando canastra, em dupla com a esposa, contra o casal da farmácia. A praça ainda é praça, e no fim de tarde quem não está andando de bicicleta senta nos bancos para conversar e olhar o Madeira passar. Banca de bicho tem placa informando onde é, e casamentos foram três no ano passado — apesar dos 15 mil fiéis ouvirem diariamente a Santa Missa pelo sistema de auto-falante da cidade.

Dançar só tem uma opção. Ou se vai no "Sovaco da Véia" ou se vai no "Sovaco da Véia", Têm o Flamengo, mas ninguém vai. No "Sovaco" está a filha do prefeito e as "ligeirinhas", mas tudo dentro do respeito. Difícil mesmo é manter o tronco reto e mexer os quadris para acompanhar o ritmo do forró amazoniense, que parece sempre estar em 45 rotações. Única alteração na lentidão da cidade.



O Madeira engole quatro homens por dia

Em busca de ouro

Ouro é a palavra mágica da Amazônia. Ninguém fala outra. A saída para quem não vê outra solução para escapar da miséria. Milhares estão nos garimpos da selva e dos rios. Todos querem só o suficiente para voltar para casa com dinheiro, e não faltam homens que arriscam o pescoço descendo 30 metros para revirar a areia do Rio Madeira.

Em Porto Velho, três mil trabalham 24 horas por dia, diariamente. Mergulham quatro horas ininterruptas e crescem mais duas horas se a "mandada" estiver rendendo ouro. Tem comida de primeira — rara na região — e 40% da produção, acertada ao fim de cada dia. O restante fica entre o dono e o gerente. Com dinheiro no bolso, os garimpeiros invadem a cidade. As "voadeiras", ou táxis aquáticos, trazem homens que querem se divertir. Não importa o preço. Mulheres são alugadas por semana, às vezes, meses; ou ainda, leiloadas, quando o "produto" agrada a muitos. Eles compram roupas, óculos de sol e fecham bares. Tudo calculado em gramas.

A palavra poupar não existe. No outro dia, basta colocar a "mascareta", segurar entre os dentes o tubo de ar e mexer com vontade a mangueira de seis polegadas no fundo do rio. O mercúrio termina o trabalho, solidificando o sonho. É dinheiro certo. A morte aparece, mas ela viria de qualquer forma. São quatro, cinco ou seis todos os dias, mas sempre há outros para ocupar as vagas.



Reduto da sobrevivência

Cheiro de Cupuaçu

Nos barcos, quem não tem rede dorme no chão, entre as malas de couro da holandesa e o saco de algodão cheio de "cupuaçu do Ribeirinho", que vai a Manaus. A rede é o único espaço individual. Pode-se ler, escrever, dormir ou namorar incomodado apenas pelo barulho do motor diesel, que só pára no ponto final. Ou quando o vizinho resolve deitar e obriga todos trocar de posição.

Liberada a entrada nos barcos, começa a corrida aos ganchos, que na primeira vista permitem uma rede a cada metro. As famílias e grupos de turistas ficam lado a lado, colocando a bagagem por perto para garantir um espaço maior. No porto da primeira cidade a ilusão termina. Sobem mais e mais passageiros, acompanhados de suas redes, sacos e sonhos de chegar na cidade grande. As redes são atravessadas umas sobre as outras, os corredores tomados. Apesar do aperto, as mulheres continuam se arrumando. Cabelos escovados, batom e roupa limpa todos os dias. Para eles, a viagem significa mais do que ir à Europa, na primeira classe do melhor avião. Importante é ir a Manaus.

Fora das redes tudo é coletivo. A passagem iguala quem tem poucos cruzados e os que vêm com a carteira cheia de dólares. O lugar à mesa, a escada ou o parapeito é de quem chegar primeiro. Quatro dias num barco com o dobro de sua capacidade coloca todos no limite entre a educação e a sobrevivência.

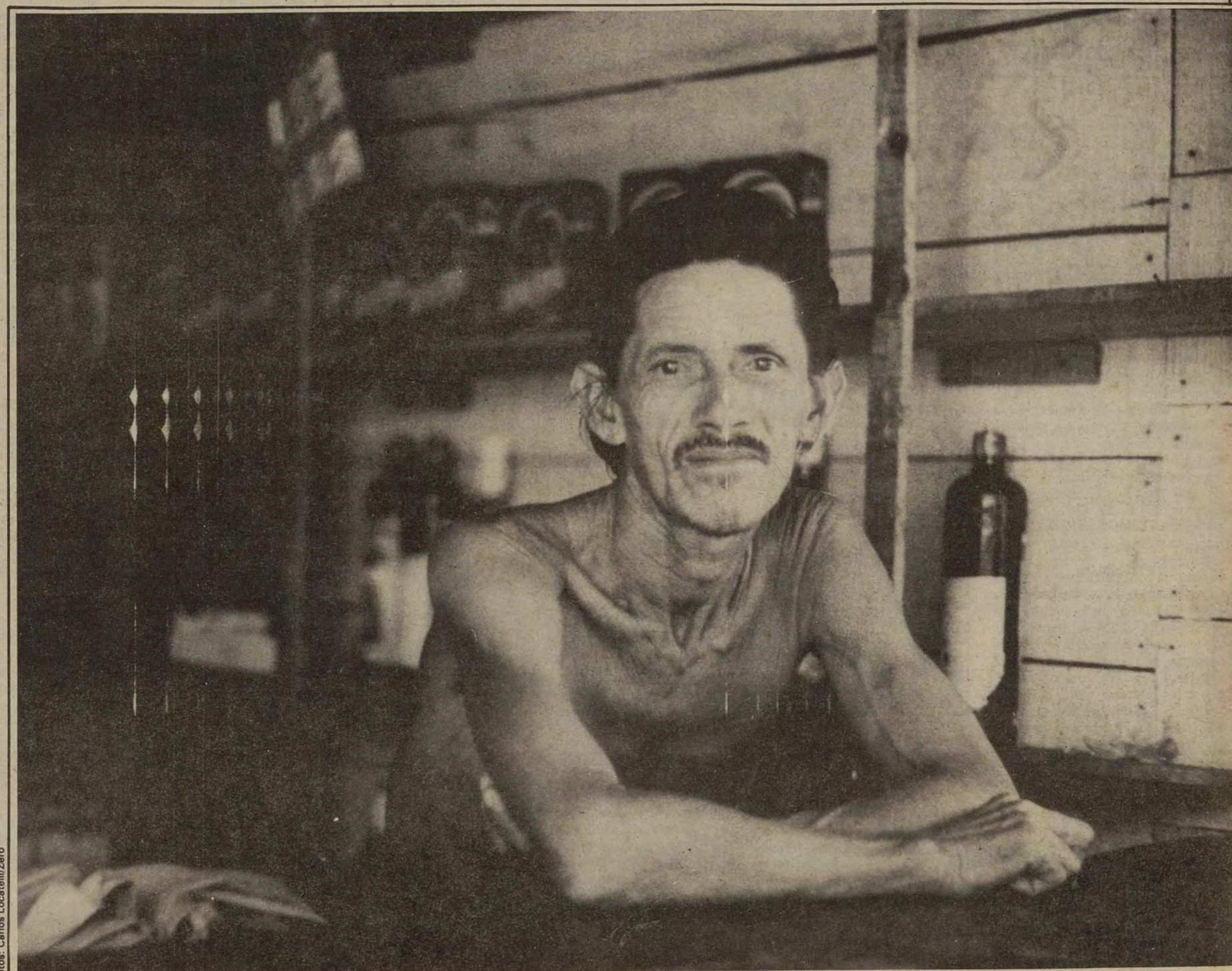


Foto: Carlos Locatelli/Zero

Olhar confiante de um brasileiro

Margens de Manicoré

Tudo vai e tudo vem pelos rios. Da selva vai a madeira, cacau e gado zebu. Da cidade vêm portas, chocolate e carne congelada. Sem acessos rodoviários, os barcos sustentam a vida de toda região. Essa importância já se agregou à cultura das pequenas cidades, que invariavelmente estão na beira dos rios. A chegada de um "motor" significa novidades e a quebra do isolamento com o resto do mundo. Ir ao "flutuante" é sagrado como ir à missa, e a decisão de viajar em determinado barco implica na posição social de cada pessoa.

Em Manicoré, a dois dias de Manaus, quem tem posses só viaja na sexta-feira. É quando atraca o Cometa Halley, o primeiro com três andares e a sensação do Rio Madeira. Através dos alto-falantes da praça o programa "A Voz de Manicoré" informa sobre as qualidades do "moderno e magnífico Cometa". O locutor Quintino de Oliveira tenta passar sua intimidade com o capitão, convidando todos para um passeio a bordo.

Os que vivem isolados na selva esperam a passagem desses barcos para trocar frutos da terra por produtos industrializados, principalmente sal e remédios. Uma lancha de alumínio sai do barco, faz as trocas, embarca e desembarca passageiros, enquanto o barco continua o seu curso normal.

Dona Gelsy deu

Me chamam de gaúcho, mas não quero voltar para lá. Vim para o Norte em julho do ano passado trabalhar como gerente de uma balsa. Em Novo Hamburgo era paginador de jornal, mas estava ruim no serviço e pagavam uma miséria. Meu irmão era o dono da balsa, uma chupadeira sem compressor, apenas para trabalhar em água rasa. Demoramos para começar no garimpo, e logo o tempo das chuvas começou, as águas subiram rápido e tivemos que parar. Conseguimos pouco ouro. O dinheiro logo acabou. Meu irmão voltou para Manaus e disse que era para agüentar as pontas até o outro verão. Fiquei no hotel uns tempos, agora não tenho onde dormir e nem o que comer. Comecei a beber. Primeiro com meu dinheiro, agora os donos de bar me sustentam. Parece que gostam de me ver bêbado. Hoje fazem três dias que não como. Esse prato que a Dona Gelsy deu, sustenta mais dois dias. Fiz uns servicinhos, mas não sou louco de mergulhar no Madeira nessa época. É muito fundo e tem árvore inteira descendo o rio. Estou esperando uma passagem que o mano vai mandar. Vou para Manaus. Vou para Manaus fazer tratamento. Quero estar bom, livre da bebida, quando o verão começar. Aí eu vou encher os bolsos de dinheiro".

Carlos Locatelli e Marques Casara



Marques "Índio" Casara e Carlos Locatelli na Amazônia

América Latina: por la libertad

Povos latinos

retomam seu

descobrimento

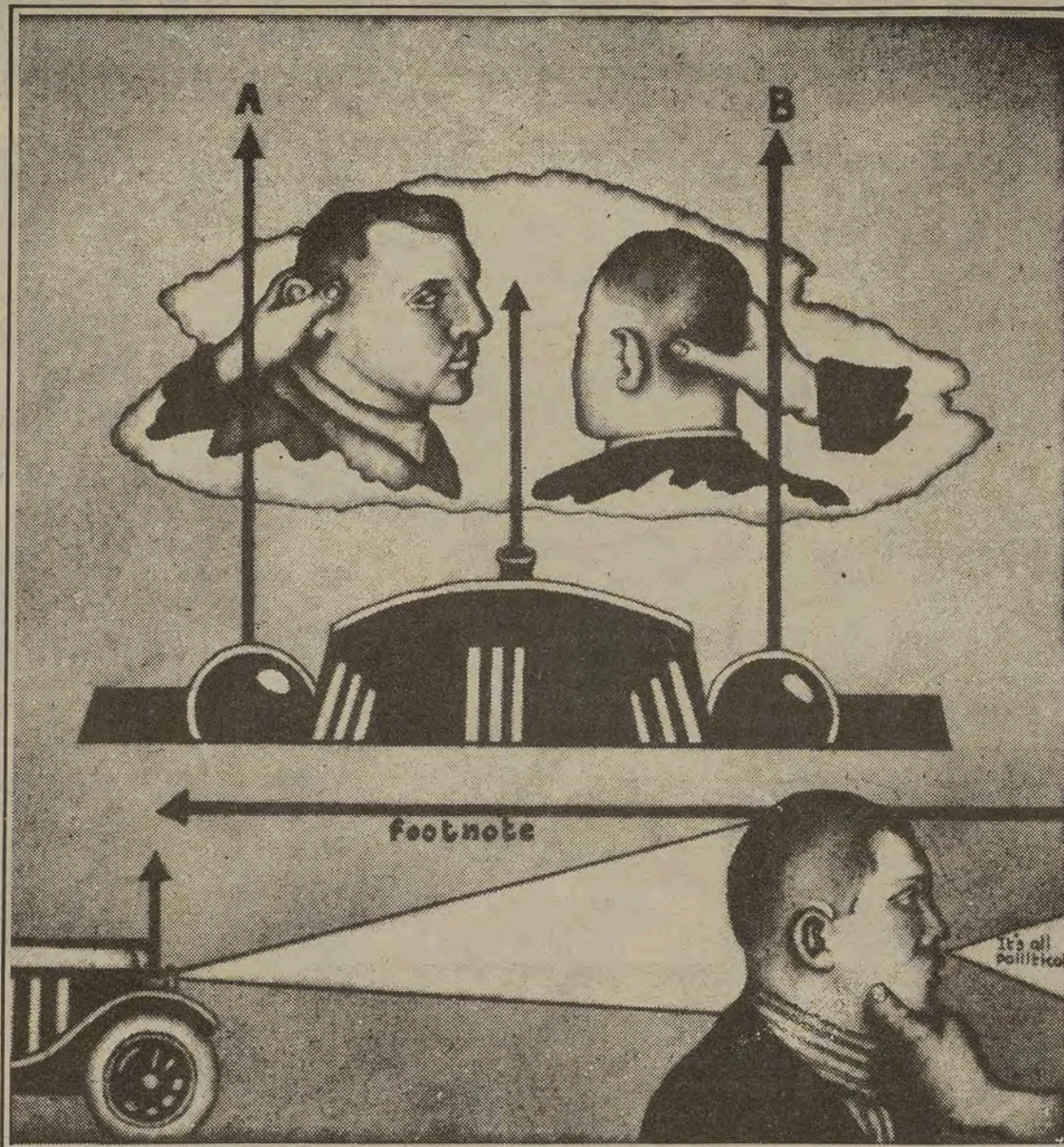
Por que a união da América Latina não é um sonho concretizado? As nossas raízes comuns, o imperialismo e as dificuldades econômicas não seriam motivo mais que suficiente para esta alternativa se mostrar viável a esse imenso agregado de países com destino incerto? Ao aceno da decadência, a Europa foi capaz de superar as divergências entre países tradicionalmente rivais como a França e a Alemanha. A ascensão dos EUA, da URSS e do Japão fez pairar uma sombra sobre o continente que os europeus não pretendem deixar que perdure: até 1992 deverão cair todas as barreiras econômicas que impedem o surgimento do "europais". Trabalhando juntas para assegurarem a estabilidade econômica e a representatividade mundial, as doze nações que integram a Comunidade Econômica Européia apressam-se em garantir uma posição de destaque no alvorecer do século XXI. E nós, os endividados latino-americanos?

O sonho de união latino-americana não é recente: Simon Bolívar já o alimentava antes da derrocada final do colonialismo. Em 1826, "O Libertador" conclamou as jovens nações do novo mundo para um encontro em que seria discutida a proposta de formação de um único país-continente. Poucos compareceram: os interesses dos caudilhos regionais e das potências, aliados à acentuada dificuldade de superarem as barreiras culturais e geográficas, podem ser apontadas como as principais causas do fracasso da iniciativa.

INDEPENDENCY

O autoritarismo inerente às mentes colonizadas fez ferver conflitos dentro e entre os países recém "libertos". E a Inglaterra, que apoiou ostensivamente o projeto de independência destas nações — imediatamente fez valer sua condição de potência naval para opor-se abertamente às propostas de união latino-americana. Só a América Latina representava um mercado consumidor maior do que os EUA e a Índia juntos e, assim sendo, os ingleses não podiam correr o risco de que este mercado se transformasse num grande concorrente.

"Dividir para conquistar": os países latinos sequer sentiram um fugaz gostinho de liberdade após sua independência. Transformaram-se em inimigos ao sabor dos interesses internacionais, que preservavam a economia de exportação através da submissão financeira e do consumo de seus manufaturados. Peru, Bolívia e Chile lutaram de 1879 a 1883 pela zona do salitre. O resultado final da Guerra do Pacífico foi a absorção do "vencedor" pelo capital inglês: 3/4 das exportações chilenas e metade de suas importações passaram a ser realizadas em parceria com a Inglaterra. Manobras financeiras desleais, realizadas no período da guerra, deram ao Chile uma condição pior do que a Índia, colônia oficialmente reconhecida como inglesa.



INVENTAR UM PAÍS

Em 1903, a Colômbia perdeu a Província do Panamá, numa intervenção armada dos EUA, que garantiu não só a independência forçada da região como a construção do canal que ficou sob jurisdição americana. E têm mais amostras pro freguês: entre 1932 a 1935, Paraguai e Bolívia travaram a Guerra do Chaco. A Standart Oil of New Jersey pagava aos soldados bolivianos para protegerem seus poços de petróleo ilegais no chaco paraguaio. "Estes criminosos foram lá e alugaram seus assassinos" — Huey Long, senador por Louisiana, em discurso ao congresso americano em 1934. De quebra, um exemplo mais recente: em 1973 foi assassinado num golpe militar o presidente eleito do Chile, o socialista Salvador Allende. A Casa Branca já admitiu publicamente que financiou e ajudou a planejar o golpe militar que levou Augusto Pinochet ao poder. Esta última citação serve para demonstrar que a submissão ao imperialismo leva não só nações irmãs a ficarem umas contras as outras, como populações inteiras a se tornarem inimigas de sua própria terra: o Chile tem milhares de exilados. E por falar em "contra", alguém sabe o que houve em 1983 com Granada, no Caribe?

TUBARÕES E TUBARÕESINHOS

É enfrentando o exílio em nosso próprio território que poderemos iniciar a caminhada em direção à integração latino-americana. Antes de

tudo é necessário que as populações reclamem o seu direito de participar dignamente na vida política, econômica e social de seus países — dando um basta às ditaduras, à miséria e à marginalização do processo de gestão do seu país. A receita é de Eduardo Galeano, o autor de "As Veias Abertas da América Latina". Descrente da ALALC — Associação Latino Americana de Livre Comércio — cujo abatimento progressivo de barreiras econômicas serviu apenas "para que os monopólios, que ainda estrangulam cada país separadamente, possam ampliar seus movimentos e consolidar uma nova divisão do trabalho" — o historiador vê na nacionalização dos setores essenciais da economia o caminho para a recuperação econômica. Mobilização popular e estabilidade econômica: democracia e pão — os pré-requisitos para o encontro dos povos latino-americanos.

Estas condições praticamente impossíveis de se realizarem a curto ou médio prazo, têm uma razão fundamental: de nada adianta romperem-se as relações com o Tio Sam e cair nas malhas de potências do segundo escalão como o Brasil ou a Argentina. Não se pode esquecer que os militares brasileiros, cientes da importância geopolítica do país, não fazem mistério de seu interesse em avançar imperialisticamente sobre as demais nações da América Latina. Fica claro que o sonho da união latino-americana está bem distante, no entanto já se insinuam caminhos reais para a solução de problemas comuns.

INDEPENDÊNCIA OU NORTE?

Um exemplo é o esforço dos países da América Central em resolver seus problemas através de diálogos independentes que desembocaram nos Tratados de Esquipulas — uma garantia de estabilidade nas relações centro-americanas apesar de suas enormes divergências ideológicas. Esta experiência tem o apoio político e econômico do México, Colômbia, Panamá e Venezuela — o Grupo de Contadora.

A América Central resiste: por uma lado é o general Noriega desafiando os EUA, por outro é a Nicarágua. Na América Andina os avanços econômicos produzidos pelo Pacto Andino, permitem vislumbrar os primeiros sinais de uma verdadeira libertação do continente. No Peru, Alan García pune militares, nacionaliza os bancos e afirma que só vai pagar a dívida externa com um valor máximo de 10% das exportações. Na Argentina Alfonsín vem resistindo às pressões dos setores descontentes entre os militares.

E há mais: quando o governo liberal peruano e o governo comunista cubano se aproximam à revelia dos interesses americanos ou soviéticos, deixam transparecer uma tendência recente no plano internacional. Diante do olhar confuso dos militantes obcecados pela guerra fria, o neo-colonialismo — o imperialismo dos grilhões econômicos — vem contribuindo para o deslocamento do confronto leste/oeste para o sentido norte/sul — ricos x pobres. Em 86

Cuba devia 22 bilhões de dólares aos países socialistas e 3,2 bilhões aos capitalistas. Liderança no grupo dos países não-alinhados, Fidel defende a tese de que os países pobres não devem pagar mais nada, pois na realidade ela já estaria paga, só se mantendo às custas das distorções do mecanismo econômico internacional. As potências já tomam medidas diante do manifesto de seus aliados incondicionais do passado. A URSS anuncia a "Glasnot", alivia o seu peso sobre os países do leste e retira suas tropas do Afeganistão. Já os sete países mais ricos do capitalismo, aproveitando-se das dificuldades econômicas do socialismo real, afrouxaram as rédeas de países "filé mignon" como o Brasil, e anunciam o perdão da dívida dos países pequenos — desde que se submetam ao gerenciamento econômico do FMI. Diante da disparidade tecnológica e da necessidade de novos recursos, é provável que muitos hesitem: independência ou norte?

E AGORA, JOSÉ

Final, qual é a expectativa que se tem tanto do que seja a América Latina hoje, quanto do que se idealiza para o nosso continente no futuro? Pode-se reconhecer como América "Latina" uma região em que têm expressão, além do português, francês e espanhol, línguas como o quechua, o guarani, o nahuatl (todas de origem indígena), ou mesmo o inglês? Existe uma cultura latino-americana que permeie países onde predominam a cultura indígena, ou a negra, ou ainda as diversas combinações possíveis destas com elementos culturais de toda a Europa e mesmo do oriente? Com eventuais exceções, o passado colonial em comum nos torna irmãos principalmente pelas injustiças sociais, má distribuição da terra, dívida externa, intervenções imperialistas e pelo espírito religioso. Um sinal da importância da igreja entre nós é o reconhecimento da PC Cubano de que a Igreja Progressista, orientada pela Teologia da Libertação, trata-se de um aliado estratégico em qualquer processo de transformação social na América Latina.

As inúmeras faces desta América que chamamos Latina fazem perceber a complexidade da questão, remetendo a novas dúvidas: como integrar sócio-economicamente esse universo de culturas sem adotar parâmetros colonialistas — em que pesem o racismo, o etnocentrismo e o autoritarismo que herdamos? E por falar em herança, nos uniremos pura e simplesmente para reclamarmos nossos direitos de uma posição de força, ou para através do exemplo, questionarmos toda a ordem econômica mundial? Filhos bastardos de um período colonial que colaborou fundamentalmente para a ascensão do capitalismo —, daremos um atestado de nossa paternidade ou afirmaremos a legitimidade de um espaço digno para todos?

Daniel Izidoro

Fontes de consulta: dados retirados dos livros "Nacionalismo, militarismo e dominação na América Latina" de Ana M. B. de Uran (edit. Vozes, 1987), "As veias abertas da América Latina" de Eduardo Galeano além de "A história da América Latina", de Pierre Chaunu (Difel - 1983). Também foram consultados o Almanaque Abril 1988 e a Veja de 18 de maio de 1988.

Incrível: Panamá diz não aos EUA

De repente, o mistério. O general não cai

Desde fevereiro um nome vem sendo divulgado na imprensa mundial por ter se tornado a maior ameaça da hegemonia norte-americana na América Latina: General Manuel Antônio Noriega. Os EUA vem tentando depor o homem forte do Panamá com planos e retaliações, como em fevereiro último, quando o presidente Eric Del Valle tentou demitir o general e foi retirado do cargo sete horas mais tarde, por violar a Constituição, porque poderia "nomear", mas nunca demitir oficiais". Noriega parecia disposto não só a desacatar a autoridade de maior potência da Terra, mas também a colocá-la a mercê de suas vontades.

O general é acusado de estupros, assassinatos, atos de sadismo e por não medir esforços em matéria de conseguir dinheiro: já vendeu tecnologia americana à Cuba e à URSS, estando ao mesmo tempo na folha de pagamento da CIA. Na Nicarágua, ajudou os sandinistas de Ortega e treinou "contras" para derrubá-lo, aliado ao coronel Oliver North. Em 1986, a Casa Branca convenceu Noriega a conseguir armas na Europa Ocidental, forjando uma ajuda nicaraguense aos rebeldes salvadorenos.

Uma das mais irônicas jogadas duplas de Noriega é o combate ao tráfico nos EUA. O general ganhou uma condecoração do governo Reagan pelo combate às drogas, e no dia 4 de fevereiro último foi indiciado por dois tribunais norte-americanos por ter recebido 4,6 milhões de dólares do Cartel de Medellín — que fornece 80% da cocaína consumida nos EUA. Em troca do dinheiro concedeu permissão de instalar no Panamá um laboratório para processar a droga.

As denúncias contra Noriega foram feitas em julho do ano passado, pelo ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Panamá, Roberto Diaz Herrera. Já em 86, a CIA procurou informações que comprometessem Noriega, mas não conseguiu nada além de uma folha de papel datilografada sem dados que pudessem acusá-lo. Agora, as acusações contra o general são palpáveis, e somam um total de 145 anos de prisão e 2,5 milhões de dólares em multa. Para quem está há menos de 5 anos no comando das Forças Armadas e já conseguiu acumular uma fortuna de 400 milhões de dólares, além de apartamentos e castelos pelo mundo, duas acusações como essas não são capazes de assustar, ainda mais se estiver obstinado em se manter no poder a todo custo. Noriega parece ser um mestre nisso, pois há quatro meses vem governando o Panamá apesar das constantes interferências dos EUA.

CANAL DO PANAMÁ

Na verdade, não são os envolvimento ilícitos de Noriega



Noriega: assassino ou traficante?

que preocupam o governo norte-americano. Seu antecessor, Omar Torrijos, criticava os EUA com a mesma ferocidade, mas com uma diferença essencial: estava sob controle porque não tinha a fortuna que mantém Noriega independente. Hoje, Torrijos está morto — sofreu um acidente inexplicável de avião em 81 — e os EUA querem se ver livres de Noriega, antes que seu maior interesse no país — o Canal do Panamá — seja ameaçado.

Até o início da década de 80, o canal era a principal fonte de renda do Panamá, e um interesse vital dos EUA. Continua a ser útil, mas não essencial. A maioria dos navios menores construídos especialmente para caber nas comportas do canal só continua operando porque as cargas entre o Leste e o Oeste dos EUA devem, por lei, ser transportadas por navios de propriedade e tripulados por norte-americanos. Isso torna seus custos tão altos que o frete passou para o transporte ferroviário e rodoviário, enquanto o petróleo flui quase que totalmente por oleodutos. Mas se o Canal deixou de ser economicamente essencial, é através dele que os EUA mantêm sua influência no país.

Com sua construção os norte-americanos passaram a controlar a economia panamenha. Sempre tiveram a última palavra para decidir os encargos do canal, e só em 77 — no governo Carter — cederam aos panamenhos sua propriedade, só que para o último dia do século. A decisão dividiu a opinião pública norte-americana, e o senador republicano Hayakawa fez uma declaração que ficou famosa na época. Quando votou contra a concessão, disse: "É nosso, nós o roubamos com todo direito". Hoje, os EUA têm 10 mil soldados cuidando "daquilo que roubamos com todo direito", e o Tratado do Canal do Panamá lhes dá o direito de interferência militar no país caso haja uma situação de desordem generalizada.

INTERVENÇÃO

Outra prova da soberania incompleta é a moeda que circula no país: o dólar. E foi através do dólar que os EUA tentaram depor o general. Em março, congelaram 50 milhões de dólares do governo panamenho depositados em bancos



norte-americanos, suspenderam os oito milhões de dólares mensais pelo uso do canal e cortaram os 96 milhões de dólares de vantagens concedidas às exportações panamenhas ao mercado americano. Como consequência, os clientes dos bancos do Panamá sacaram tudo que puderam de suas contas, com medo de uma intervenção governamental.

É claro que tudo foi bem planejado. Eric Del Valle e o subsecretário de Estado para a América Latina nos EUA, Elliot Abrams, tinham três passos a cumprir do plano que arquitetaram. Primeiro, a demissão de Noriega. Del Valle sabia que isso acarretaria em seu próprio afastamento do governo, mas também levaria ao segundo ponto: iria conseguir respaldo. Com Noriega sendo visto ditador pela população, o terceiro passo a ser dado só o faria perder o resto do prestígio que ainda lhe sobrava: embargando comercialmente o país, os EUA tirariam do general o dinheiro para o pagamento de funcionários públicos e aposentados.

Para tentar salvar a situação, Noriega pagou os membros das Forças Armadas e mandou que fornecessem cestas básicas aos outros funcionários. Começaram então saques a supermercados, passeatas e

greves. Noriega já havia fechado as universidades e alguns jornais, e passou a censurar as emissoras de rádio e TV para que não fossem divulgadas notícias contra o governo. Houve uma tentativa de golpe liderada pelo chefe de polícia da cidade e colaborador de Noriega, Leonidas Macias. Depois de 15 minutos de tiroteio foi sufocada a rebelião. A população já estava comemorando a queda do general, mas foi surpreendida quando ele chegou às ruas declarando: "O que vocês ouviram não foram tiros, foram beijos."

Com os bancos e o comércio fechados, foi deflagrada no dia 21 de março "a última greve", que continuaria até a suposta queda do general. Foi então que Noriega surpreendeu a todos e provou que só iria sair quando bem entendesse: pagou todos os salários atrasados. O dinheiro veio das multinacionais Texaco, Eastern Airlines e United Brands e do mercado europeu. Todos ignoram o pedido do governo americano para que os impostos e dívidas do governo panamenho fossem pagos na carta que tinha Eric Delvalle como titular (mesmo depois de destituído por Noriega, Delvalle continuou sendo reconhecido pelo governo dos EUA como presidente

apesar do general ter nomeado Solis Palma em seu lugar).

Em abril os EUA mandaram para a área do canal 1.300 soldados, 27 helicópteros de combate, dois esquadrões de cães amestrados e dois navios de guerra. O porta-voz da Casa Branca, Marlim Fitzwater, declarou: Existem limites às atividades de Noriega e limites para a nossa paciência". Vários boatos de que Noriega deixaria o poder já surgiram, inclusive os EUA — queriam pedir sua extradição em caso de exílio — suspendeu um dos processos e declarou que Noriega não precisava deixar o país, desde que pedisse a reserva.

"O Panamá pode não precisar de mim. Mas eu preciso dele", declarou o general no começo desse mês. Enquanto Noriega "precisar" do Panamá, os norte-americanos ficarão de vigia. Por enquanto, nada mais podem fazer, já que a opinião pública panamenha não vê com bons olhos boicotes econômicos que só prejudicam, e uma intervenção militar não seria aprovada pelos outros países latino-americanos.

Taciana Xavier

Santiago, cidade esquiva e vazia

À noite: o toque de recolher.

De dia: o temor

As ruas de Santiago que antes eram amplas, limpas e ladeadas por frondosas árvores — até mesmo no outono —, hoje se vêem ainda mais limpas e as folhas de suas árvores ainda são brilhantes. O cenário desta cidade de cinco milhões de habitantes, tornou-se mais moderno, tudo parece mais organizado, e o é, embora não seja tão acolhedor como antes. Agora, os olhares estão divididos: uns são desconfiados, e outros vigiam e ameaçam.

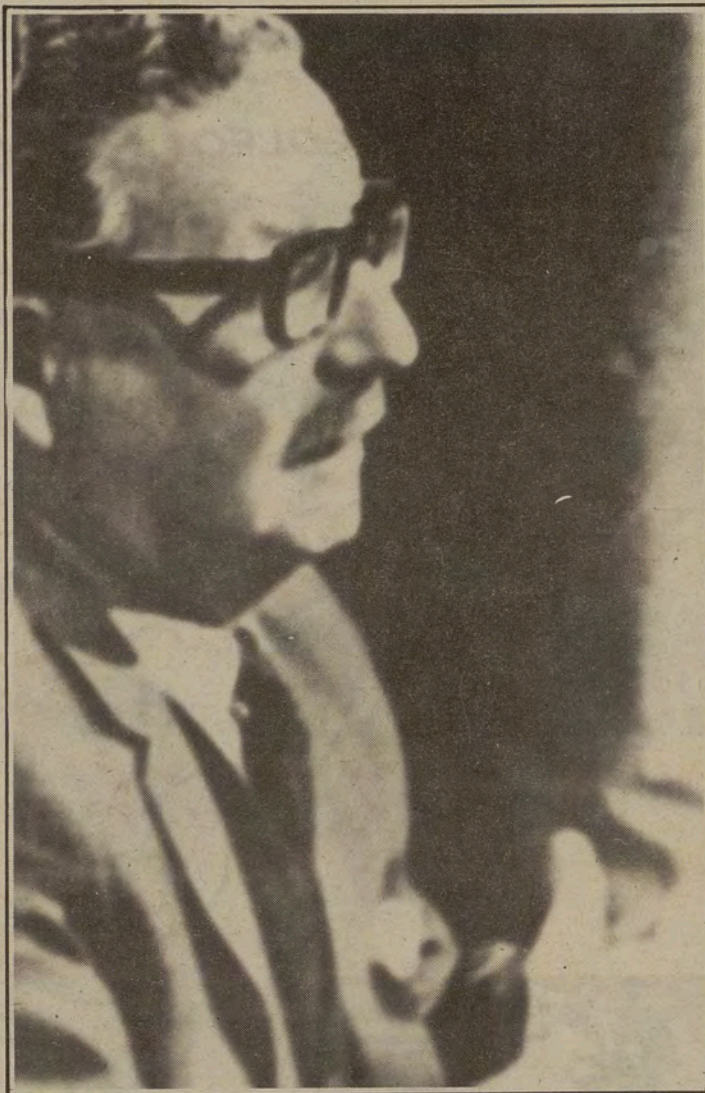
Depois de treze anos de fardas verdes e cinzentas, de metralhadoras, jatos d'água, pedras e coquetéis molotov, as instituições, como a família por exemplo, tem-se deteriorado enormemente — seja pelas fortes tensões à que são submetidas seus membros, seja pela necessidade de se separarem "por la razón o la fuerza". Assim como os 'campi' universitários, antes refúgios de conversas ao pé das árvores, com suaves notas de algum violão, foram trocados pelas 'ordeiras' ruas, para furtivos e rápidos protestos...

As noites, ajudadas pelo toque de recolher, são silenciosas e vazias. Os muros são pintados quase todas as semanas e escondem sob suas tintas, o desgosto de pichações sufocadas. As vitrines já não falam em idioma nacional. Os produtos estrangeiros imperam nas calçadas onde perseguidos vendedores ambulantes (que em outros tempos foram estudantes ou profissionais), deixam sua dignidade.

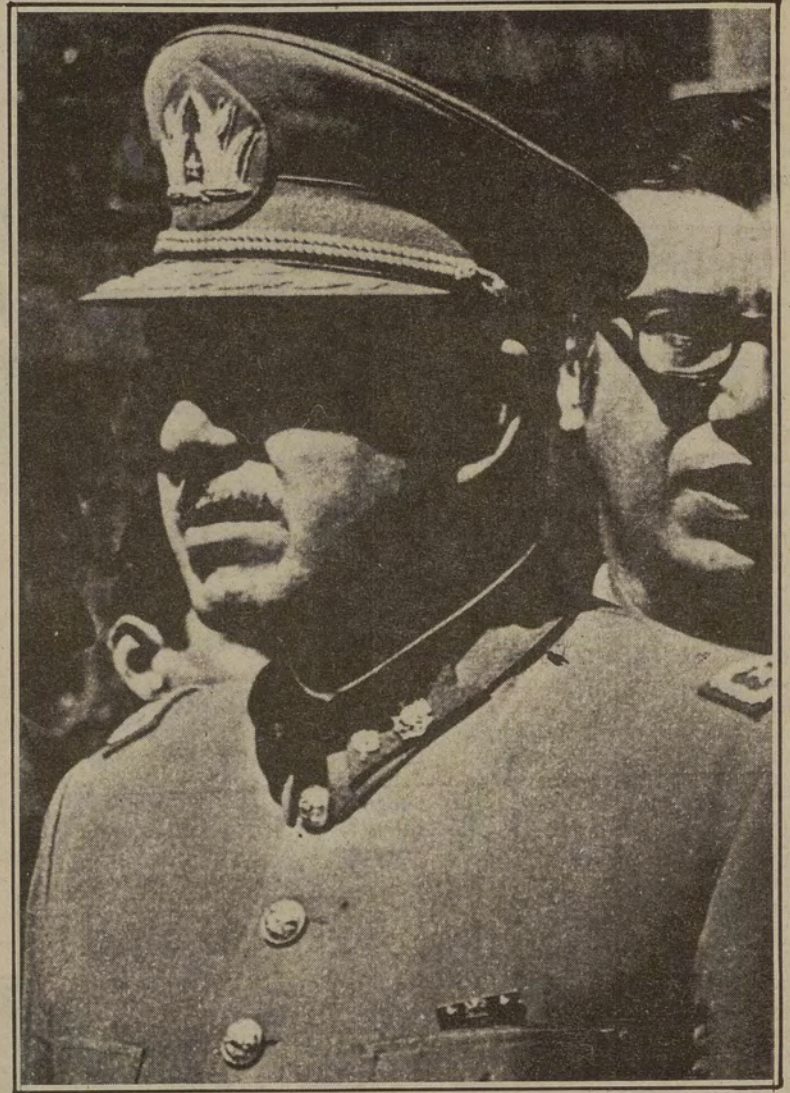
Nem as "micros" (os ônibus) são as mesmas. Elas já não cumprem um só trajeto onde não sejam assaltadas por velhos e crianças vendendo balas e bombons, cantando suas misérias recentes.

Nada é como antes. A paisagem é mais atraente e os sentimentos mais áridos. Tudo parece indicar que a volta (para a democracia?) no Chile, só tem um caminho, que também será, "por la razón o la fuerza", como diz o verso famoso de seu hino nacional.

Cláudia Astorga



Allende: deposto



Pinochet: o algoz

ArquivoZero

Allende, um marxista eleito

Impossível falar do Chile sem falar desse homem, que triunfou graças a sua coragem e coerência, mas que infelizmente foram também as razões de seu trágico destino.

Quando jovem, cursou medicina, e já militava nos setores estudantis. Foi expulso da universidade, preso e julgado por três Cortes Marciais. Mais tarde, fundou o Partido Socialista em Valparaíso. Em 51, candidatou-se à presidência para mostrar, para ensinar, para fazer as pessoas compreenderem que existia um caminho diferente do que estava estabelecido. Foi expulso do Partido Socialista e nasceu a Unidade Popular: aliança socialista-comunista.

Em 58 perdeu as eleições por 30 mil votos e em 1964 foi derrotado por Eduardo Frei, apoiado pela direita. Não desistiu, e na última campanha (1970), organizou os comitês da Unidade Popular em cada fábrica, nos quartéis, nas escolas, nas ruas. Graças

à esse contato direto com o povo, Allende foi eleito. A vitória o fez humilde: "Se eu soube suportar a derrota outrora, hoje, sem soberba e sem espírito de vingança, aceito este triunfo, que devo à unidade dos partidos e às forças que me acompanharam." Era a primeira vez que um marxista chegava ao poder através de eleições livres.

Dentre as principais aspirações citadas em seus discursos em relação ao operariado, está o que chamamos de capital social — os operários participariam diretamente na direção da empresa junto com os representantes do estado —, e a nacionalização do cobre, que vai contra os interesses norte-americanos. Os chilenos, junto com Allende, aspiravam começar uma nova era de relações livres com todo o mundo. "Tenho confiança no homem, mas no homem humanizado, no homem fraterno e não no que vive da exploração dos outros."

Salvador Allende, presi-

"Chile, fértil província senhalada en la región antártica famosa, de remotas naciones respetada por fuerte, principal y poderosa. La gente que produce es tan granada. Tan soberbia, gallarda y belicosa. Que no ha sido por rey jamás regida. Ni a extranjero dominio sometida."

(Alonso de Ercilla, 1550, foi poeta e soldado espanhol).

dente do Chile, foi assassinado no dia 11 de setembro de 1973, no Palácio de La Moneda. Desde então, Pinochet comanda o país.

Simone Dias

A crise argentina desde 1810

Populismo e fascismo, em Buenos Aires

No ano de 1805 Napoleão fecha os portos sob sua influência à entrada dos navios e mercadorias inglesas. A Inglaterra vê-se, assim, diante da necessidade de encontrar mercados para a colocação da sua produção e, entre 1806 e 1807, sucedem-se os golpes britânicos no Vice Reino do Rio da Prata, com o fim de resolver a sua crise de superprodução.

Pode-se situar nestas invasões inglesas a formação inicial de uma consciência nacional argentina, quando os rios-platenses tornam-se conscientes da sua importância. Por duas vezes — 1806 e 1807 — as esquadras britânicas tomaram a capital da província, Buenos Aires, como maneira de obter o controle da navegação no Rio da Prata, e por duas vezes os britânicos foram expulsos.

Quando a Argentina abre seus portos e libera o comércio — a partir de 1810 —, começam as lutas do livre comércio contra o protecionismo, o desmoronamento do estado Rivadaviano e a ascensão do federalismo, subindo ao poder Juan Manuel de Rosas, em 1829. O caráter estrangeirante do centralismo portenho, representado por Rivadavia, permitiu que o poder fosse tomado por uma concepção política avessa às dependências estrangeiras. E a consciência nacional se manifesta, de maneira sentimental, no período rosista, que durou até 1852, quando voltam os oligarcas ao poder, unionistas que favoreciam um governo central encabeçado por Buenos Aires.

VOTO UNIVERSAL

Abrem-se novamente os portos e recomeça a liberdade comercial. Entre os anos de 1860 e 1880 são lançadas as bases para uma Argentina liberal. Os liberais, representantes da oligarquia, impulsionam o desenvol-

vimento econômico e a imigração. Cresce a indústria, aparecem os operários, surgem os sindicatos. Na sua linha de progressismo econômico, a oligarquia portenha compromete o patrimônio nacional junto ao estrangeiro. Por medida de segurança, os líderes sindicais, estrangeiros, "já perigosos" são expulsos em 1902.

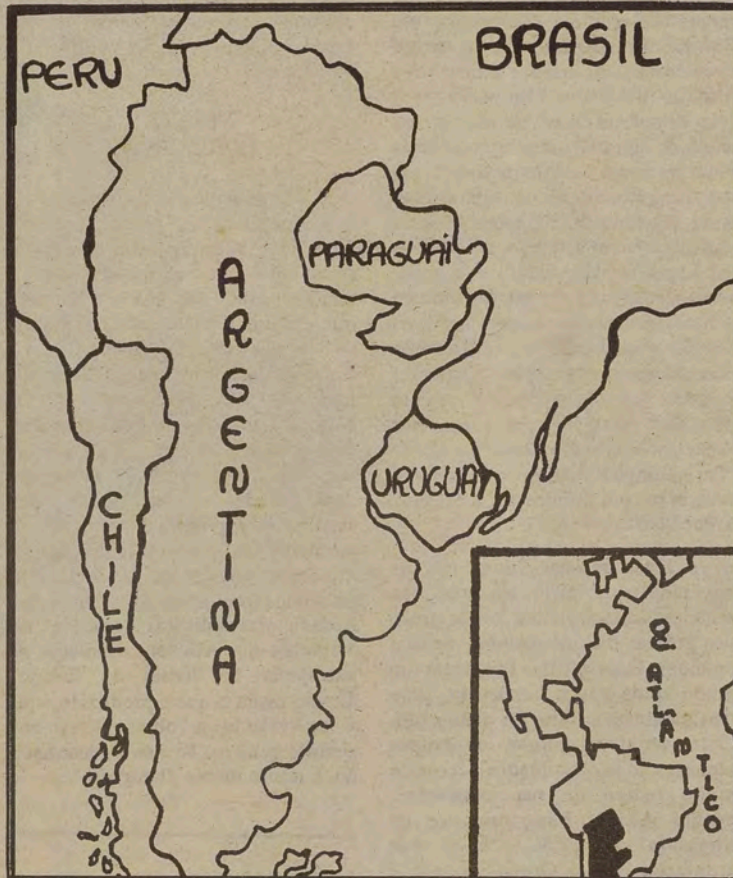
Com a aprovação da Lei do Sufrágio universal, a oligarquia perde parcialmente a sua hegemonia, ascendem os setores médios da sociedade que ganham o poder, em 1916, através de Hipólito Irigoyen. É a vez do partido reformista, do nacionalismo radical, onde a classe média urbana luta contra o colonialismo e o imperialismo. Ameaçados, os oligarcas tomam novamente o poder com o golpe militar de setembro de 1930, colocando o general José Félix Uriburu na presidência. É nessa época que surge o nacionalismo filonazista, o nacionalismo dos militares do Grupo de Oficiais Unificados e dos setores oligárquicos que, temerosos das correntes comunistas e socialistas, deixam-se influenciar pela doutrina hitlerista. Para sacudir o jugo inglês era necessário que as forças alemãs arrasassem a Grã-Bretanha e todo o mundo democrático.

Piora a situação econômica, pois, desde 1932, a Inglaterra preteria a importação das matérias-primas argentinas em favor dos seus próprios domínios coloniais. A Argentina concede, então, o monopólio da cidade de Buenos Aires a um consórcio inglês, contrastando com as medidas protecionistas tomadas até então. Para evitar a diminuição dos preços começa a haver o controle da produção agrícola. A massa trabalhadora rural desloca-se para as cidades, forma-se um cinturão industrial. A organização sindical, até agora orientada por grupos anarquistas e integrada por imigrantes, vê-se obrigada a conviver com esses operários nativos que pouco conheciam das práticas sindicais. São esses setores sociais que formarão a base política do movimento peronista, o nacionalismo populista que, desde 1946 com Perón na presidência, configura-se como a força social e política mais importante da Argentina, anti-oligárquica e anti-norte-

populista tinha como finalidade desarticular os sindicatos mais combativos e independentes frente ao governo.

Vários sindicatos foram fechados e as autoridades deram início a um processo de perseguição e detenção de comunistas, socialistas e anarquistas. Isto abriu o campo de ação para Perón colocar nos quadros do sindicalismo argentino homens de sua confiança, que não protestaram contra a violência praticada contra seus companheiros.

Apesar de ter-se notabilizado pela nacionalização de vários setores da economia argentina, o governo



americana, possibilitando à massa proletária nativa a participação no debate ideológico político.

IGREJA E PETRÓLEO

Em 1955 a "cruzada libertadora", encabeçada pelo general Eduardo Lonardi, derruba Juan Domingo Perón, que fora eleito em 1946. Perón, além de enfrentar sérios atritos com a Igreja, viu surgir a oposição à sua política petrolífera, considerada "entreguista". A velha classe oligárquica retorna ao poder. No entanto, a "força libertadora" aniquila a si própria, tais as dissonâncias e antagonismos existentes dentro do exército. São marcadas novas eleições para 1958. Arturo Frondizi, apoiado pelos peronistas, é eleito presidente e estabelece-se, na década de 60 a 70, o nacionalismo desenvolvimentista. A impossibilidade da mobilização dos meios nacionais para a industrialização argentina leva o

presidente a recorrer aos investimentos estrangeiros, valendo-se para isso tanto dos mercados capitalistas quanto dos comunistas e socialistas. Essa dualidade cria opositores em todos os setores.

Os militares entram em cena novamente. Arturo Frondizi é deposto em 1962. O Presidente do Senado, Dr. Guido, é colocado no poder. Novas eleições, Dr. Arturo Illia, representante dos setores médios agrários, é eleito presidente em 1963. Illia não reprime a dissidência, não permite a ingerência militar e cancela os contratos do período frondizista. Mais um golpe e instala-se uma ditadura militar tendo, à frente da presidência, em 1966, o general Juan Carlos Onganía.

MARIA ESTELA

A falta de êxito econômico e o desgaste do regime — devido à

repressão e banimento dos partidos políticos — provocaram a deposição do general Onganía que, em 1970, é substituído pelo general Ricardo Levingston, sendo este substituído, no ano seguinte, por Alejandro Lanusse. O desgaste das Forças Armadas, a necessidade do desenvolvimento neocapitalista e a oposição de uma iminente revolução reformista neocapitalista (peronista) foram os problemas enfrentados pelo novo dirigente. Através de um movimento peronista chamado FREJULI (Frente Justicialista de Liberación), Héctor Cámpora é eleito presidente em 1973. A esquerda peronista ocupa cargos decisivos, difundem sua ideologia, firmam seus objetivos. Faltalhe, no entanto, o apoio dos trabalhadores e massas populares, temerosas pela não efetivação do projeto peronista de desenvolvimento neocapitalista. Concebe-se a direita peronista, Perón volta do exílio, Cámpora renuncia e, em setembro de 1973 Juan Domingo Perón se elege presidente. Maria Estela M. de Perón, sua esposa, é eleita vice-presidente. O casal eleito resolve apoiar-se na direita peronista e a esquerda responde através da atividade guerrilheira e atentados terroristas.

Perón morre em 1974 e sua esposa, Maria Estela M. de Perón, assume a presidência. A uma situação política intranquila, somou-se a deterioração econômica através da retração nos investimentos. A esquerda peronista continua a agir clandestinamente. O trabalho de repressão da subversão é entregue às forças armadas. Com esta facilidade, o exército volta ao poder em 1976, influenciado pela ideologia norte-americana da Doutrina de Segurança Nacional. Maria Estela M. de Perón é substituída pelo general Jorge Rafael Videla. Instaura-se a ditadura militar que matou, torturou, aprisionou e exilou milhares de argentinos e que, mesmo assim, conseguiu mover o nacionalismo argentino — de todos os extremos — contra a ocupação das Ilhas Malvinas pela Inglaterra.

Milene Corrêa

Na segunda guerra, o golpe peronista

Juan Domingo Perón assumiu a Vice-Presidência da República em 1943, como Coronel do Exército, após um golpe de Estado de pretensões nacionalistas. Já no mesmo ano, além de segundo homem da Nação, Perón acumulava o cargo de Secretário do Trabalho e Ministro da Guerra. O Estatuto do Peão, concessão de aumentos salariais, instituição do Agnaldo (uma espécie de 13º salário), criação dos tribunais do trabalho e unificação do sistema de previdência social, foram algumas das medidas importantes tomadas por Perón na área trabalhista.

Alcançando enorme prestígio entre os trabalhadores, o governo

peronista pecou pela excessiva censura aos meios de comunicação. Em 48, adquiriu as rádios privadas, impedindo a oposição de se pronunciar, até julho de 55. No mesmo ano o semanário socialista "La Vanguardia" e o radical "Províncias Unidas" foram fechados, além de serem impostas restrições aos jornais "La Prensa" e "La Nación".

Deposto pelos militares, quando a Marinha bombardeou o Palácio Rosado no final de 55, Perón amargou um longo exílio na Espanha. Retornando a seu país, ele novamente foi eleito Presidente da República em 74. Vindo a morrer

alguns meses depois, Juan Domingo Perón, em sua trajetória política, teve apoio tanto da esquerda quanto dos setores conservadores. Nas últimas eleições o Partido Peronista, depois de uma empolgante campanha, tornou-se vitorioso na maioria das províncias argentinas.

Monique Van Dresen

Escreva
para
o
ZERO

Grupo Sul não fez decolar a literatura catarinense

Embora hoje pouco se comente sobre a literatura de Santa Catarina, já em 1947, ela acontecia num movimento da maior repercussão. Era o Grupo-Sul, formado por escritores dos três Estados, que reinou por dez anos. Esse pessoal editava a revista "Círculo da Arte Moderna" e ia bem até que se deparou com problemas insolúveis. Desiludidos, seus integrantes partiram para um trabalho individual, buscando novos caminhos para uma literatura que nunca parou.

Depois do Grupo-Sul, Santa Catarina aparentemente caiu num marasmo quase total, fechando as portas para os trabalhos novos que iam surgindo e que não mereceram nenhum estudo mais profundo. Na década de 60, surgiram grupos de artistas plásticos interessados na integração de sua arte com a dos escritores. Um núcleo de grande valor foi formado, tendo no comando os artistas Hugo Monte Júnior, Rodrigo de Haro e Osmar Pisani. Este casamento permitiu que acontecessem, em meio à censura, exposições de poesia misturadas com artes plásticas. A criatividade aumentava conforme a necessidade de se comunicar, embora esse movimento não tenha sido levado a sério.

O COGUMELO
ATÔMICO

Mais tarde, nos anos 70, várias

revistas literárias tomam conta das cidades catarinenses. É o caso da revista "Cogumelo Atômico", em Brusque. Era mimeografada e criticava o rock, as artes plásticas e a própria literatura. Entusiasmados com o sucesso local da revista, um grupo de artistas independentes fez a Feira Nacional de Arte de Rua, lá em Brusque mesmo. Seguindo a mesma linha, em Blumenau aparece a revista "Literaçu"; em Tubarão, a "Face" e em Lages, o "Carretão". A censura ainda persistia e os grupos tinham muita força para fazer críticas, usando a ironia. Outras cidades não ficaram para trás. No norte do Estado, em Joinville, a revista "Cordão" se sobressaiu e em São Miguel, no extremo Oeste é editada "Em Tempo". Aqui, os literatos mostraram sua publicação, a "Contos & Poemas".

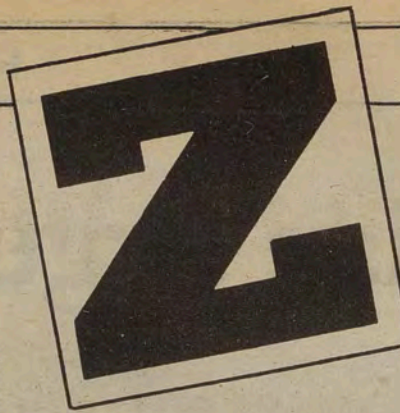
Estas revistas compõem um movimento literário, já que sua principal característica foi a união dos artistas e o intercâmbio de suas opiniões. Esses artistas formaram um grupo ainda pouco conhecido, principalmente pela falta de divulgação. "Isto acontece porque os grupos literários só são estudados depois de muito tempo de sua existência", explica Alcides Buss, professor de literatura da UFSC. "É o que aconteceu com o Grupo-Sul, que é interessante porque já existia muita informação sobre ele. Outra barreira

é o custo da edição. Existe pouca coisa editada devido aos processos editoriais modernos serem muito caros. Ninguém quer voltar ao mimeógrafo.

FALTA DIVULGAÇÃO

O governo de Santa Catarina está começando a se preocupar com a falta de divulgação da literatura e pensa em seguir o exemplo de outros estados, como São Paulo e Paraná, que editam encartes oficiais dentro de jornais diários, divulgando o trabalho de artistas locais. Assim, os jornais "Santa Catarina" e "A Notícia", que são os que dão maior espaço para a literatura hoje, ganharão mais força ainda. A literatura sairá de dentro das escolas, das cartilhas e entrará na comunidade. O problema da pouca divulgação da literatura catarinense lá fora, será resolvido. Isto acontece pela precariedade das editoras locais e da imprensa que não têm condições de extrapolar as divisas do Estado. Mesmo assim o que é produzido aqui é equivalente a obras feitas nos grandes centros. Só não é reconhecido. E muito menos divulgado.

Luciene Abdo



Aversão a versões

Os sentidos captam versões a cada instante. Elas relatam, cada qual sob um prisma diferente, os fatos, o cotidiano... Parciais, escolhem o recheio do biscoitinho bicolor, ou se quiserem, somente as capas de chocolate que o comprimem. Mas nunca as duas juntas.

Mesmo tendo aversão a versões, tenho que admitir que elas são necessárias e até práticas. Pensando bem: onde estaria o prestígio dos ladrões se não houvessem simpáticas versões como But Cassidy and Sundance Kid? Os trens pegadores do Velho Oeste não perdoariam a história (?) se ela esquecesse essa versão fora da lei.

E o Olimpo? Como poderiam as divindades acatar todos os pedidos mortais — vindos ao mesmo tempo de Grécia e de Roma — se não tivessem a ajuda das versões? Enquanto os romanos pediam favores à Júpiter, os gregos recorriam à Zeus. Vênus, a célebre deusa dos prazeres do amor,

escutava seus admiradores, por um ouvido em romano, e pelo outro (que já fazia parte de sua outra versão, Afrodite), em grego. Todas as petições eram atendidas. Cada povo pela versão correspondente.

Diante dos olhos do magro Dom Quixote de La Mancha, os moinhos de vento apareciam como fantasmagóricos dragões, lançando fogo pelas narinas e tudo. Vermelha, sensual, a boca poderia parecer boca até o final dos tempos, se um excêntrico catalão não a tivesse representado como um sofá. É, sofá! Aliás, poucas coisas escaparam às interessantes versões de Salvador Dali — que segundo alguns era a versão palpável da loucura, enquanto o próprio se definia como versão aperfeiçoada e genial do ser humano.

O dia é uma versão da noite e vice-versa. Só que para os boêmios, as corujas e o Condé da Transilvânia, as noites são mais do que mágicas. Na verdade, elas constituem os seus dias. Coisa das versões.

O gelo eterno dos iceberges é uma versão grande e flutuante de "uma partícula de hidrogênio ao lado de outras duas de oxigênio", e assim vai. O certo é que só me resta concordar com os versos do poeta e dramaturgo espanhol Pedro Calderón De La Barca, onde diz que:

"En este mundo traidor
nada es verdad ni mentira.
Todo es segun el color
del cristal con que se mira".

Claudia Aguirre

Jornalismo conivente estimula submissão

Quando terminei de assistir "Salvador, o mártir de um povo", de Oliver Stone, fiquei por uns cinco minutos sentado e aturdido diante da tela da T.V. Confesso que tive o "insight" de que ocorrem chacinas e violações dos direitos humanos a *tudo momento* em El Salvador e nos demais países da América Central, apenas no momento em que assisti a este filme. Por consumir notícias de jornais filtradas via Associated Press e United Press International, não me dava conta da verdadeira dimensão dos conflitos centro-americanos. Então comecei a questionar-me a respeito do jornalismo.

Um repórter ao tornar-se correspondente de guerra passa por um dilema: ou instala-se num confortável hotel do país em guerra e simplesmente repassa as informações oficiais e fragmentos da realidade colhidos de uma forma deficiente, ou sai à luta por uma notícia completa e verdadeira, pelas ruas e regiões onde se trava o conflito. O jornalista consciente da sua importante função, que é informar corretamente, e sabedor de que cada vez mais o jornalismo é o provedor de fatos que a História irá registrar, opta pela segunda situação.

Em processos insurrecionais, como os de El Salvador e Nicarágua, e em países governados por ditaduras, os jornalistas encontrarão limites na busca da informação. Poderão defrontar-se com os mais variados obstáculos e perigos, desde perseguição e prisões até um possível "desaparecimento". Porém, o repórter que faz do jornalismo uma forma social de conhecimento sobre a realidade, possibilita desmascarar as ditaduras e revelar o dedo da CIA, responsáveis pela contra-informação, nesses países.

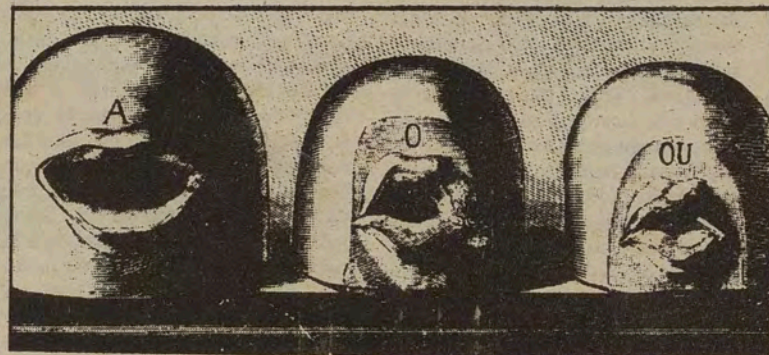
Não se explora a possibilidade de se obter informações de fontes alternativas, como por

exemplo, da Agência Salpress, no caso de El Salvador. Dessa forma o nosso jornalismo é conivente com a exploração, com os abusos que ocorrem no terceiro mundo. Talvez se não houvesse essa convivência o povo nicaraguense não continuaria ameaçada pelos Estados Unidos; a revolução em El Salvador já teria vencido; Pinochet, que se encontra no poder há 14 anos, e Stroessner, há 34, estariam derrubados; e a miséria e a ignorância seriam pelo menos mais toleráveis numa América Latina livre do colonialismo.

De nada vale, para nós, um jornalismo acomodado, acovardado, conivente. É preciso tomar um posicionamento em favor dos oprimidos. É preciso parar de legitimar a tirania em frente ao povo. É preciso resgatar o pensamento bolivariano, que é a matriz intelectual de um comportamento autônomo.

Ao abrir as páginas internacionais dos jornais, flagramos como é inexpressivo a quantidade de matérias que abordam assuntos de interesse sobre a América Latina. Porém, temos a felicidade de saber que em outras épocas essa carência de notícias já foi maior. Houve tempos em que uma opinião da rainha da Inglaterra tinha mais destaque do que um greve no Rio de Janeiro ou em Buenos Aires, por exemplo. Somos vítimas de uma prolongada transferência de valores culturais do primeiro mundo. "A América Latina transformou-se num Ocidente de segunda classe", disse o historiador. E, enquanto continuarmos dispersos, desconhecendo nossa História e mal informados, a América Latina continuará com suas veias abertas.

Ivan dos Santos



O sabor do sucesso

Foi preso ontem às 23h no aterro da Baía Sul, em Florianópolis, o menor S.O.S., mais conhecido como Naturinha, funcionário-fantasma da Prefeitura da capital. Dois soldados da Polícia Militar o flagraram com uma carteira de cigarros Hollywood em um bolso e uma atitude suspeita no outro. Imediatamente deram voz de prisão por tráfico de drogas. Depois de levar uns cocorotes, Naturinha foi algemado e levado ao 1º DP, onde de início tentou negar a posse do entorpecente: "Era de um amigo meu, dotô, eu só tava guardando pra ele", disse ao delegado Juvenal Coyote.

No decorrer do interrogatório, fazendo cara de choro, o menor resolveu confessar tudo. Admitiu ter comprado os cigarros de um homem encapuzado em frente ao palácio Cruz e Souza, no

centro da cidade. Sobre o traficante, pouco informou, dizendo apenas que o sujeito parecia bem de vida, tinha bronquite e, ao se despedir, fizera um comentário enigmático apontando para o palácio: "Esse negão aí metido a poeta, capaz de ser meu parente". Naturinha assegurou ao delegado que a droga era apenas para consumo próprio implorou para que o caso não fosse divulgado à opinião pública: "Eu tou fazendo uns comerciais pra tevê, dotô, se o pessoal sabe disso eu queimo minha imagem". O menor foi levado à Cadeia Pública da Capital, mas um representante da Souza Cruz o liberou mediante pagamento de fiança.

Dauro Veras

Força da paixão vence o sexo

E público sucumbe à pontualidade

Não dá para falar de "Fragmentos de um Discurso Amoroso" sem falar de Antônio Fagundes, o protagonista. A peça é ele! Fagundes tornou visível os sentimentos do sujeito apaixonado, fazendo a platéia se projetar para o palco e se identificar com as cenas representadas.

Como o discurso do sujeito enamorado é desconexo, a peça não tem uma narrativa linear. Os 80 fragmentos são dispostos em ordem alfabética e apresentados em onze situações diferentes. O fragmento predileto de Fagundes, segundo ele próprio, é aquele onde o sujeito enamorado passa por todos os atos do roteiro da espera: "Sou um sujeito enamorado, sou aquele que espera... O outro, o objeto amado, ele ou ela não importa, é por vocação um migrador, encontra-se em estado de eterna partida, enquanto eu que amo, sou por vocação inversa reservado, imóvel, estou sempre à disposição".

Para o diretor Ulysses Cruz, a pessoa apaixonada está a um passo do ridículo, por isso seu discurso não é contínuo nem consequente, Ulysses também acredita que Fragmentos nos obriga a confrontar conceitos e refletir: "Sabe, na minha vida inteira eu posso encontrar milhões de corpos, e entre eles eu posso desejar, digamos, centenas de corpos, mas eu amo apenas um... Mas porquê eu amo essa pessoa e não outra? É esse corpo todo que eu desejo? Ou apenas uma parte dele? Porque esse corpo atua sobre mim como um fetiche? E que porção? Que pedaço? Que acidente do corpo?"

Roland Barthes, semiólogo francês e autor dos fragmentos, através de Fagundes consegue da platéia a cumplicidade necessária para que seu texto seja universal e atemporal. O espetáculo trata de semiologia, onde cada signo é importante e cada momento é



Fagundes deu lição no público

profundo. Barthes também refere-se à Freud e ao personagem Werther, de Goethe, e seu romance com Charlotte. Estes personagens, interpretados por Marcos Winter, Mara Carvalho e Luiz Furlanetto, fazem parte do imaginário do sujeito enamorado (Fagundes) e estabelecem uma conversa indireta com ele, dando equilíbrio à peça. Fragmentos é um espetáculo muito musicado, repleto de projeções e de cenas de cinema.

PAIXÃO ABRANGENTE

Antônio Fagundes começou sua carreira em 1966 no Teatro de Arena, então foco de pesquisa sobre a realidade brasileira. Já trabalhou com teatro, cinema e televisão e encenou como ator ou produtor de textos de quase todos os dramaturgos do Brasil. Atualmente é o protagonista da novela das oito na Rede Globo e continua em cartaz com Fragmentos, onde interpreta um homem apaixonado que tem como única preocupação o amor. Segundo Fagundes, quem assiste Fragmentos fica com a nítida impressão de que a peça foi

escrita baseada na sua própria experiência amorosa. Ele também acha que encenar nesta época um espetáculo falando de paixão pode ser até revolucionário, porque as pessoas comentam mais suas relações sexuais do que seus sentimentos. Barthes escreveu: "Hoje em dia o imposto moral atinge muito mais a paixão do que o sexo".

Há sete anos atrás, Fagundes uniu-se com Lenine Tavares, Marga Jacoby e João Roberto Simões para fundar a Companhia Estável de Repertório. Eles acreditam que trabalhar com um elenco constante é fundamental para a evolução da dramaturgia, e que a convivência torna os atores mais íntimos e envolvidos, com uma atuação mais dinâmica. Outra vantagem das companhias de repertório é que os trabalhos podem ser reapresentados, porque figurinos e cenários são guardados após a temporada da peça em cartaz. A CER já montou Homem Elefante, Morte Acidental de um Anarquista, Carmem com Filtro, Xandú Quaresma, Cyrano de Berge-

rac, Nostradamus e Fragmentos de um Discurso Amoroso, que foram assistidos por mais de dois milhões de espectadores. A CER também grava seus espetáculos e as fitas podem ser requisitadas nas locadoras de vídeo.

Fragmentos teve tradução e adaptação de Teresa de Almeida e faz parte de um Projeto Paralelo da CER. A proposta é encenar e montar peças que visem a descoberta de novos rumos na comunicação teatral. Para isso os ensaios de Fragmentos foram abertos ao público de outubro do ano passado até março deste ano quando foi estreitada em São Paulo. A CER acredita que o espectador não é apenas aquele que assiste à apresentação, mas alguém que pode interferir nela.

ATRASSO E BAIXARIA

Por se tratar de uma Companhia responsável e com caráter extremamente profissional, a CER começa seus espetáculos na hora marcada. Em Florianópolis, Fragmentos ficou em cartaz no CIC de 09 a 12 de junho e mais de 40 pessoas não puderam entrar na sexta-feira por ter chegado depois das nove horas. Os atrasados chamaram a polícia, que lhes deu razão. Mesmo assim não puderam entrar. Seus ingressos foram transferidos para sábado ou domingo, o que não acontece em São Paulo. Lá quem chega tarde perde a entrada. E é por "ter cumprido o que promete" que a CER está sofrendo dois processos na capital paulista. Segundo Fagundes, chegar atrasado é uma grande falta de consideração com quem chegou na hora e com os atores que estão representando. Nas noites de sábado e domingo, o elenco entrou no palco exatamente às nove horas e esclareceu o incidente de sexta-feira até os últimos espectadores chegarem. Na platéia houve quem rebatesse as explicações de Fagundes alegando que o público brasileiro não está acostumado com pontualidade. O ator, então, garantiu que sua Companhia aceitou o desafio e vai continuar cumprindo o que promete, mesmo que sejam processados mais vezes.

Ana Lavrati

Baixa Sociedade

Acusado de participação no assalto ao BESC de São José, nesse mês, um tal de Celso Banana teve a cabeça rachada em dois lugares por policiais do 8º DP, em Capoeiras. Tomou pau por não ter confessado. Levado à presença de testemunhas, ninguém reconheceu-o como autor do crime. A casa é comandada pelo delegado Renato Meireles, conhecido através dos jornais há dois meses, quando Manoel Gregório Julio Filho apanhou de cabo de vassoura até perder os sentidos.

...

Caloteiro bom nega e não paga. Nessa arte o prefeito Edison Andrinho está se saindo muito bem. Mandou uma cartinha para a Eletrosul dizendo que não tinha dinheiro para pagar os funcionários cedidos e bateu o pé para devolver a mercadoria. Eliot Ness está investigando como vão cobrir o rombo no balanço da empresa, e se na última hora um jeitinho político tira o Tribunal de Contas da União da jogada.

...

O coronel Pedro Ivo continua aprontando as suas. O DC divulgou que o aumento do funcionalismo público estadual alcançaria os 180% em julho. Mentira. Na verdade, os aumentos foram dados tendo como base o salário de janeiro e a defasagem da categoria supera os 260%. Governo e imprensa ainda estão comendo da mesma panela.

Elliot Ness

Dois mortos num só caixão

Nas entrelinhas do lançamento da 'bolacha' dos grupos Expresso e Tubarão encontramos um toque desafinado. Eles assumiram pública e definitivamente o processo de decadência em que se encontram. A impotência diante do mercado e a carência de criatividade para acompanhar a transformação na personalidade do público que elegeram como alvo, atestam isso.

Se o Tubarão aportou na ilha em 1981, quando ainda se chamava RATONES, com a agradável surpresa de um bom 'rock' na mesma época o Expresso, ainda de Petry e Daniel Lucena, buscava uma linguagem rural.

Inegavelmente bons trabalhos para o início da década de 80. Inegável também o sucesso na mídia, bem como, junto ao público. Contudo, há um contexto a ser examinado, e que serve para medir este sucesso.

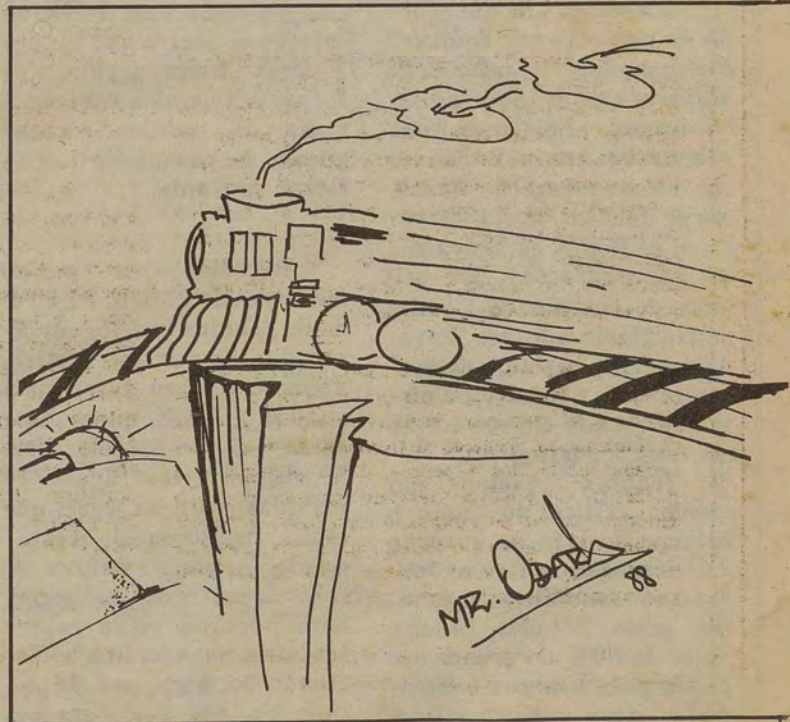
Como um cometa, Tubarão e Expresso, seguem suas rotas, só que na carona do tempo. Distinguí-los na escuridão em que se encontra o 'rock' catarinense torna-se difícil, à medida em que o rumo que escolheram viaja paralelo à expectativa do público. Este começa a se educar, aqueles

não. E no mais, as paralelas não se encontram.

Não pensem gratuitas estas constatações. A identidade destas bandas foi engravidada pelo vírus da mediocridade comercial prostrada no cenário do 'rock' brasileiro.

Infelizmente o vinil vem a servir de epitáfio convencional, para duas bandas convencionais, com um som convencional. A elogiável qualidade de gravação vem a ser um belo pacote de presente, cheio de nada.

Póp Escobarro



Nicarágua quer cessar fogo, já!

Apesar dos EUA, Manágua quer paz e soberania

Na véspera da abertura da quarta rodada de negociações de paz na Nicarágua, iniciada dia 7 deste mês, o vice-presidente sandinista, Sérgio Ramírez Mercado, disse que os rebeldes devem aproveitar a proposta sandinista, "porque dentro de dois meses não terão capacidade de negociar mais".

Para as negociações o governo sandinista mantém de pé uma proposta global de um cessar-fogo definitivo, cumprindo com o estabelecido nos acordos de Sapoá, que contém algumas exigências rebeldes sobre democratização do país, que seriam analisadas até chegar a um acordo dentro do chamado diálogo nacional.

Entre elas está a instauração do pluralismo político, a igualdade perante a lei, o direito de greve e um sistema eleitoral pluralista, normas e garantias para o funcionamento de um sistema de economia mista e de propriedade privada. Ramírez disse que "as perspectivas da negociação agora estão direcionadas para que o governo dos Estados Unidos não repita, como há quatro anos, sua política agressiva contra a Nicarágua."

NEGOCIAÇÕES

O governo sandinista e a resistência nicaraguense começaram, no dia 8 de junho, o segundo dia de conversações para o desarmamento dos rebeldes, e apesar dos progressos já alcançados, as posições parecem paralisadas no que cada parte entende por democracia.

Depois da primeira reunião da quarta rodada de negociações, ambos os lados disseram que se

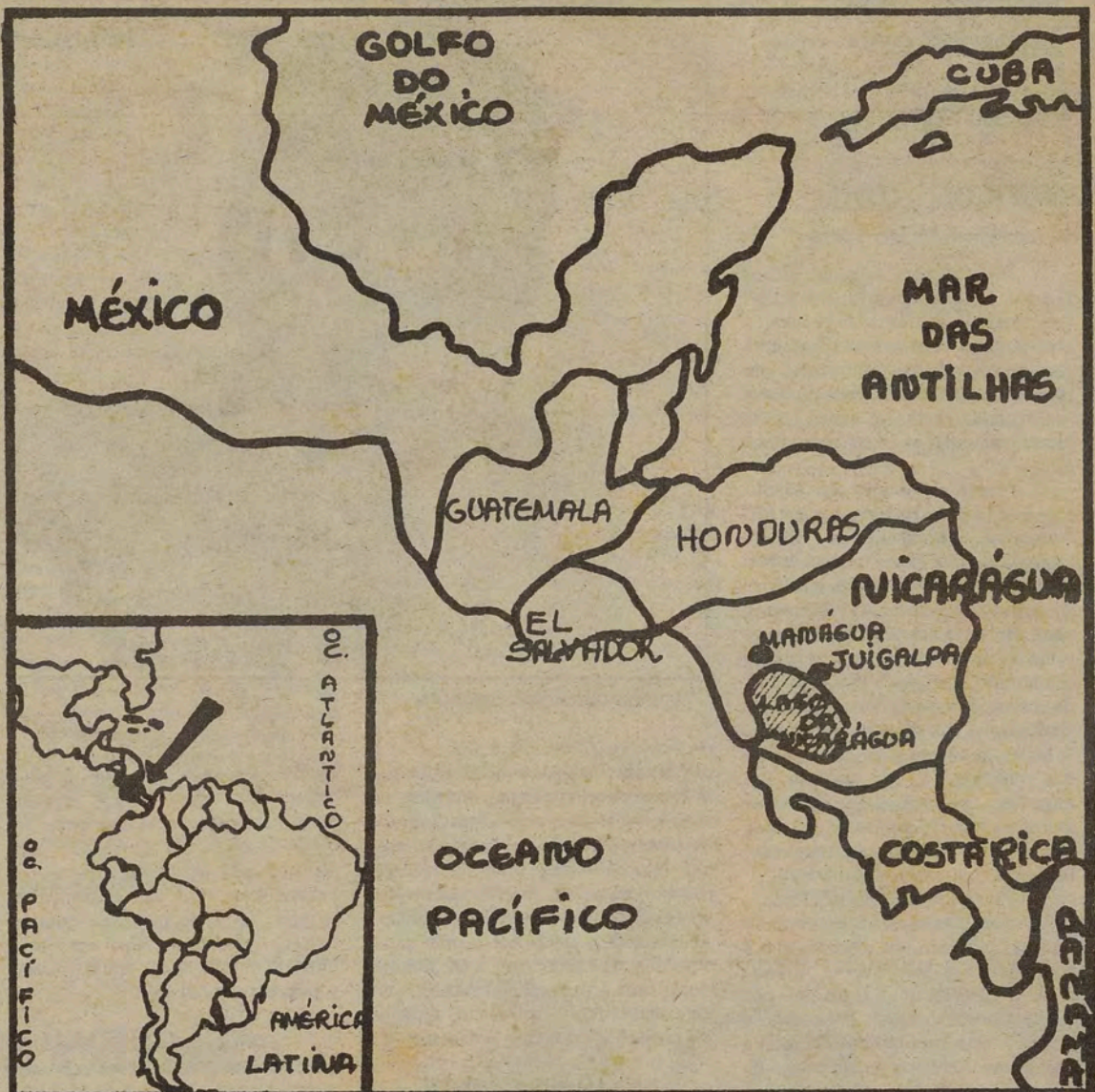
aproximavam de um acordo final. Os temas de reformas democráticas por parte do governo, de uma anistia para os rebeldes e de um cronograma para pôr fim à guerra, figuram entre os maiores obstáculos.

Bosco Matamoros, porta-voz dos rebeldes, concorda que houve progressos, mas afirmou que não se chegou a nenhum acordo. "As reformas políticas continuam sendo o maior problema nas discussões", disse. "Os sandinistas insistiram em seu conceito de democracia, que não é o da resistência e este é o grande problema das negociações", afirmou Matamoros. "Nós acreditamos que eles estão utilizando o diálogo para ganhar tempo". Do lado do governo, um representante esquerdista, na condição de manter o anonimato, disse que o governo praticamente cedeu todas as demandas rebeldes em matéria de reforma política, incluindo liberdade de imprensa, fim do controle do partido sandinista sobre o exército e o governo, o direito de greve e reformas judiciais e eleitorais.

A proposta também oferece aos "contras" um papel nas conversações iniciadas no ano passado entre o governo e a oposição.

DESARMAMENTO

Um negociador norte-americano dos sandinistas disse que os dois principais obstáculos para um acordo permanente são a anistia e o desarmamento. O advogado Paul Reichler disse que os sandinistas querem o completo desarmamento e a reintegração dos contras à vida civil para fins de setembro, no entanto, os rebeldes oferecem cessar a luta para fins de janeiro. Reichler acrescentou que a proposta rebelde está vinculada a esperança de que o vice-presidente norte-americano George Bush seja eleito presidente dos Estados Unidos. Como integrante do governo do presidente Ronald Reagan, Bush apoiou a ajuda norte-americana aos rebeldes.



Contudo, a proposta sandinista também poderia estar vinculada às eleições presidenciais e legislativas de novembro nos Estados Unidos. Caso se chegue a uma trégua permanente para este momento, isso poderia favorecer aos democratas, uma maioria dos quais se opõe à assistência aos contras.

As conversações se realizam em meio a uma trégua temporária,

iniciada no dia 21 de março. Os rebeldes ampliaram a trégua por mais alguns dias e o governo, ansioso por uma definição imediata, declarou um cessar-fogo unilateral até o fim deste mês.

Esses esforços, contudo, não foram suficientes. Cada lado acusa o outro de ter violado o acordo, pois dia 7 aconteceram duros combates próximo à Juigalpa, capital do Departamento Central de Chontoles

com pelo menos 70 contras e 50 soldados. Além de mais prejuízos, o país teve uma perda imediata de muitas vidas e um retrocesso significativo no caminho da democracia.

Luciene, Rossane e
Tina Yoshizato

O embaixador: temos 14 partidos

A obtenção de um acordo de paz com os "contras" é atualmente a prioridade número um do governo da Nicarágua. Foi com essa afirmação que o Embaixador nicaraguense no Brasil, Jorge Jenkins, abriu, no começo de junho, em Salvador, as comemorações dos seis anos de criação do Comitê de Solidariedade aos Povos da América Latina, e do lançamento do jornal sandinista *Barricada* em sua edição em língua portuguesa.

Jenkins revelou um quadro crítico ao fazer o balanço da luta do governo da Nicarágua contra as forças anti-sandinistas, ajudadas pelos Estados Unidos. Mais de 50% do orçamento de seu país, lembrou o diplomata, estão comprometidos

com o Ministério da Defesa no esforço de guerra que já dura 7 anos. Esses argumentos foram reforçados durante a visita do político nicaraguense à Assembleia Legislativa da Bahia.

Recebido por parlamentares do PMDB, PT e PC do B, Jenkins insistiu em dizer que apesar das festividades é preciso fazer uma análise fria de quase uma década de resistência: "Na Nicarágua temos agora 14 partidos políticos legais que estão funcionando abertamente. Desde à extrema direita à extrema esquerda. Sete partidos estão representados na Assembleia Nacional, formada por 96 deputados, que estão em pe-

ríodo normal de sessões, fazendo as leis do país".

Na opinião do diplomata, o início de um diálogo aberto com a participação dos 14 partidos políticos nicaraguenses é o melhor testemunho de que a "democracia existe no país". Ironizando, Jenkins chegou a dizer que o problema de seu país é apenas geográfico: "Infelizmente a Nicarágua tem a má sorte de ficar numa área que é uma região propícia para se construir um canal intraoceânico. Por este motivo, o país já sofreu mais de 10 intervenções militares dos Estados Unidos."

Maria Yoshizato



Zero — o
ex-co-
man-
dante: de
herói a
mercenário
dos EUA